

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



GÉNERO E EDUCAÇÃO

Representação da Mulher nos Livros Didáticos do Ensino Básico dos 1.º e 2.º Ciclos na
Guiné Bissau

Talisma Nice Fero Gomes Dias

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Trabalho de Projeto Orientado pela Professora Doutora Guilhermina Lobato Miranda

2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



GÉNERO E EDUCAÇÃO:

Representação da Mulher nos Livros Didáticos do Ensino Básico dos 1.º e 2.º Ciclos na
Guiné Bissau

Talisma Nice Fero Gomes Dias

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Trabalho de Projeto Orientado pela Professora Doutora Guilhermina Lobato Miranda

2021

Este trabalho, integrado no Mestrado em Educação, Especialidade em Supervisão e Orientação da Prática Profissional, do Instituto de a Educação da Universidade de Lisboa, coordenado pela Prof.^a Doutora Guilhermina Lobato Miranda, desenvolveu-se nas instalações da Universidade Católica da Guiné Bissau (UCGB), nos anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020. Faz parte do Projeto “Cultura i nô balur - uma estratégia de Educação para a Cultura na Guiné-Bissau” que decorreu entre junho de 2016 a novembro de 2020, na Guiné-Bissau. Foi promovido pela ONG FEC – Fundação Fé e Cooperação e subsidiado pela União Europeia, Miserior e Instituto Camões. Agradecemos a todos os que criaram as condições para que este mestrado se realizasse nas melhores condições possíveis e em particular à Reitora da UCGB, Professora Zaida Pereira e ao técnico da FEC Professor Everton Dalmann.

Site do projeto: <http://www.fecong.org/project/cultura-i-no-balur/>

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, pela oportunidade de rever o passado e redirecionar os meus objetivos, mediante os acontecimentos do presente. À vida, que apesar dos “tapas”, tem-me ensinado a ser mais coerente comigo e com o próximo;

Às minhas “*três pedras de fogão*” Mayara, Tagilda e Charlize, pelas horas de ausência e compreensão de que ser mulher e lutar dentro e fora de casa, mesmo quando os esforços não são reconhecidos;

Aos familiares e amigos, pelo amor e momentos de alegria proporcionados e pela lealdade e tranquilidade;

A minha Professora/Orientadora Guilhermina Lobato Miranda, pela paciência e pela grande capacidade de orientação técnica despendida durante todo o processo.

Resumo

Género e Educação: Representação da Mulher nos Livros Didáticos do Ensino Básico dos 1.º e 2.º Ciclos na Guiné Bissau – tem foco no género feminino e a forma como é representado nos Manuais Escolares. Apesar de figurar nos livros didáticos a mulher, na Guiné Bissau, raramente é objeto de estudo em si-mesma. O ensino básico na Guiné Bissau está dividido em três ciclos: primeiro ciclo (1º, 2º, 3º e 4º anos), segundo ciclo (5º e 6º anos), e terceiro ciclo (7º, 8º e 9º anos). No entanto, para os objetivos deste trabalho, foram analisados apenas os Manuais Escolares referentes ao 1.º e 2.º ciclos. No nosso estudo analisámos o modo como são representados homens e mulheres nos livros didáticos destes dois ciclos. O estudo deste assunto justifica-se pela falta de trabalhos deste género na Guiné-Bissau, um País onde a pobreza, o analfabetismo, a falta de oportunidades e as desigualdades ainda pesam mais sobre o género feminino. A importância deste estudo não está apenas na utilização do próprio livro didático como objeto de pesquisa, mas também em compreender como os manuais podem funcionar como documentos que fazem perpetuar certas concepções dos papéis que os dois géneros desempenham ou poderiam desempenhar na sociedade.

A metodologia usada foi a qualitativa e descritiva, baseada na análise documental dos manuais escolares, entrevistas semidiretivas e num questionário aplicado a uma amostra de professores. A técnica de amostragem que usámos foi a de conveniência. Em tempos de Pandemia da Covid19, a opção foi pelas escolas e professores da cidade de Bissau e arredores.

Como resultados observou-se que os livros didáticos do ensino básico, do 1.º e do 2.º ciclos da Guiné-Bissau, apresentam várias tipologias de textos, expressões verbais e visuais que, agrupadas em diferentes categorias de análises nos deram uma melhor visão da sociedade, sobre a igualdade e equidade de géneros. Concluimos que os livros didáticos analisados não

seguem um padrão estruturado em termos de categorias de textos, nem adotam a mesma ideologia. Pelo contrário, apresentam os temas de estudo de forma variada e diversificada, com predominância de discursos conservadoristas de uma sociedade patriarcal, machista e sexista.

Palavras-chave: Culturas étnicas, Divisão social do trabalho, Género, Igualdade de género, Livro didático, Representação da mulher

Abstract

Gender and Education: Representation of Women in Basic and Elementary School Textbooks in Guinea Bissau - focuses on the female gender and the way it is represented in School Manuals. Despite appearing in textbooks, women in Guinea Bissau are rarely studied in themselves. Basic education in Guinea Bissau is divided into three cycles: first cycle (1st, 2nd, 3rd and 4th years), second cycle (5th and 6th years), and third cycle (7th, 8th and 9th years). However, for the purposes of this work, only the School Manuals referring to the 1st and 2nd cycles were analysed. In our study we analysed how men and women are represented in the textbooks of these two cycles. The study of this subject is justified by the lack of work of this kind in Guinea-Bissau, a country where poverty, illiteracy, lack of opportunities and inequalities still weigh more on the female gender. The importance of this study is not only in the use of the textbook itself as an object of research, but also in understanding how the manuals can function as documents that perpetuate certain conceptions of the roles that the two genders play or could play in society.

The methodology used were qualitative and descriptive, based on documentary analysis of school manuals, semi-directive interviews and a questionnaire applied to a sample of

teachers. The sampling technique was convenience sampling. In the time of the Covid19 Pandemic, we choose schools and teachers in the city of Bissau and its surroundings.

In general, we concluded that the textbooks of basic education, first and second cycles of Guinea-Bissau, present several types of texts, verbal and visual expressions that, grouped in several categories of analysis contribute to improve the general view of society, on the equality and equity of gender. Thus, it can be said that the textbooks analysed do not follow a structured pattern in terms of text categories, nor do they adopt the same ideologies. On the contrary, they present the subjects of study in a varied and diversified way, with a predominance of conservative discourses of a patriarchal and sexist society.

Keywords: Ethnic cultures, Gender, Gender equality, Representation of women, Social division of labor, Textbook.

Índice Geral

Índice	Página
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice Geral.....	vii
Índice de Quadros	viii
Índice de Figuras	ix
Lista de Abreviaturas.....	x
Introdução	14
Capítulo I. Quadro Teórico de Referência	19
1.1 Analfabetismo e Abandono Escolar na Guiné Bissau	19
1.2. Livro Didático	31
1.3. Género, Sexo e Igualdade de Género.....	34
1.4. Representação da Mulher	38
1.4.1. A Representatividade da Mulher Guineense.....	41
Capítulo II. Metodologia.....	48
2.1. Opção Metodológica.....	48
2.2. Instrumentos de Recolha de Dados	49
2.3. Instrumentos de Análise de Dados	50

Capítulo III. Apresentação e Análise dos Resultados	54
3.1. Resultado 1. Análise das Capas dos Livros Didáticos do 1º ao 6º anos	56
3.2. Resultado 2. Análise de Imagens, Textos dos Livros Didáticos e Leitura do 1º ao 6º anos.....	65
3.3. Resultado 3. Análise das Respostas ao Questionário e a Entrevista	81
3.3.1. Perfil dos Professores Respondentes	81
3.3.2. Resposta dos Professores aos questionários	85
3.3.3. Entrevista com a Diretora Geral do Ensino Básico da Guiné Bissau	87
Capítulo IV. Conclusão	91
Referências Bibliográficas	98
Anexos	100

Índice de Quadros

Quadro 1. Alguns indicadores estatísticos do ensino básico na Guiné Bissau.....	19
Quadro 2. Índice de paridade entre meninos e meninas no sistema de ensino na Guiné Bissau...	21
Quadro 3. Taxa de conclusão dos diferentes níveis de ensino, por géneros e zona rural e urbano.....	24
Quadro 4. Percentual de mulheres de 15 a 49 anos que tenham sofrido algum tipo de MGF na zona rural e urbana	25
Quadro 5. Percentual de meninas de 0 a 14 anos, filhas de Mulheres de 15 a 49 anos, que tenham sofrido algum tipo de MGF na zona rural e urbana	26
Quadro 6. Taxa de crianças com dificuldades funcionais, por sexo e por zona rural e urbana ...	28
Quadro 7. Representatividade da Mulheres no Parlamento da Guiné Bissau.....	44
Quadro 8. Índice de Participação da Mulheres nos Diferentes Fóruns de Tomada de Decisão...	45
Quadro 9. Tabela da Análise da Capa e Conteúdo dos Livros Didáticos do Primeiro Ano.....	56
Quadro 10. Tabela da Análise da Capa e Conteúdo dos Livros Didáticos do Segundo Ano.....	57
Quadro 11. Tabela da Análise da Capa e Conteúdo dos Livros Didáticos do Terceiro Ano.....	58
Quadro 12. Tabela da Análise da Capa e Conteúdo dos Livros Didáticos do Quarto Ano.....	60
Quadro 13. Tabela da Análise da Capa e Conteúdo dos Livros Didáticos do Quinto Ano.....	61

Quadro 14. Tabela da Análise da Capa e Conteúdo dos Livros Didáticos do Sexto Ano.....	62
Quadro 15. Tabela de Representatividade de géneros na capas dos livros didáticos.....	63
Quadro 16. Tabela de representatividade de género nos personagens principais das histórias	65
Quadro 17. Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do segundo ano.....	70
Quadro 18. Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do terceiro ano.....	72
Quadro 19. Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do quarto ano.....	74
Quadro 19. Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do quinto ano.....	76
Quadro 21. Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do sexto ano.....	78
Quadro 22. Tabela das Profissões Apresentadas vs Géneros nos Livros Didáticos.....	79
Quadro 23. Tabela de Número de Escolas e Professores Inquiridos.....	82
Quadro 24. Tabela de Número de Professores Inquiridos por anos de escolaridade.....	83
Quadro 25. Tabela Representativa de Anos de Experiência e Número de Disciplinas Lecionadas pelos Professores Inquiridos	83
Quadro 26. Quadro de respostas dos Professores sobre a representação dos géneros masculino e feminino nos livros de leitura do primeiro ao sexto ano do ensino básico.....	85
Quadro 27. Quadro de respostas dos Professores sobre as figuras animadas e representações culturais nos livros didáticos de primeiro ao sexto ano do ensino básico.....	86

Quadro 28. Quadro de Distribuição geográfica das Escolas do Ensino Básico nacional.....88

Quadro 29. Quadro de Escolas do Ensino Básico nacional, por Categoria de gestão.....89

Índice de Figuras

Figura 1. Imagem representativa das mulheres nos livros de leitura do primeiro ano.....66

Figura 2. Gráfico de Personagens Principais das histórias.....67

Figura 3. Imagens representativas das profissões, por género, no livro de leitura do segundo ano
.....69

Figura 4. Gráfico da % da Representatividade do género feminino como Personagens Principais
das histórias.....71

Figura 5. Gráfico das tendências de tipos de personagens, Principais das histórias.....73

Figura 6. Gráfico das tendências de tipos de personagens, Principais das histórias, no Primeiro
Ciclo.....75

Figura 7. Gráfico das tendências de tipos de personagens, Principais das histórias, no Segundo
Ciclo.....77

Figura 8. Gráfico de Número de Professores Inquiridos, por anos de Experiência.....84

Lista de Abreviaturas

AGRICE – Associação Guineense de Reabilitação e Integração dos Cegos

ANP – Assembleia Nacional Popular

CNAPN – Comité Nacional para o Abandono das Práticas Nefastas

DGEB – Direção Geral de Ensino Básico

DGEI – Direção Geral de Educação Inclusiva

HI – Humanité Inclusion

LBSE – Lei de Base do Sistema Educativo

MENES – Ministério da Educação Nacional e do Ensino Superior

MGF – Mutilação Genital Feminina

MICS – Inquérito sobre os Indicadores Múltiplos

OGD – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PAM – Plano Alimentar Mundial

PAM – Programa Alimentar Mundial

PNIEG- Política Nacional para a Igualdade e Equidade de Géneros

PSE – Plano Setorial da Educação

RGB – República da Guiné Bissau

Introdução

O tema que estudámos pretendeu analisar como são representados nos manuais escolares os papéis sociais associados ao género masculino e feminino. A partir desta análise examinamos se eles são representados de forma equitativa e igualitária ou se se limitam a reproduzir os estereótipos sociais associados ao género na Guiné-Bissau

A República da Guiné-Bissau (RGB) é um País da costa ocidental da África, que partilha a posição 175 no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, ao mesmo nível da Republica Democrática do Congo e da Libéria.¹

O País tem muitos dos problemas socioeconómicos, políticos e culturais inerentes a uma Nação em desenvolvimento, incluindo a grande desigualdade entre homens e mulheres, meninos e meninas. A minha inquietude estabeleceu-se quando, na minha vivência laboral diária, me fui deparando com os índices nacionais de educação, que são preocupantes, e em que o género feminino aparece sempre em desvantagem, em relação ao masculino. Não há como não se questionar, sobre os índices de frequência e abandono escolar que apresentam disparidades entre os géneros, desfavorecendo o sexo feminino, sobretudo a partir do ensino secundário.

Quais são as razões destas disparidades? Será a falta de implementação de Políticas Públicas favoráveis ao género feminino? Hábitos e tradições étnicas que, historicamente, desfavoreceram e desfavorecem o sexo feminino? Estas foram algumas questões que levantámos. O mais intrigante é lidar diariamente com documentos de Políticas e Convenções nacionais e internacionais, que abordam, incentivam e orientam sob forma de Leis e Estratégias, com vista a alcançar a igualdade e equidade de géneros.

¹ Human Development Report 2020

Propus-me com este estudo aprofundar os conhecimentos sobre esta matéria, sob uma perspetiva da prática docente, tendo em conta o papel, a importância e a grande contribuição da educação, para alcançar o objetivo de uma maior equidade e igualdade entre géneros.

Qual seria o papel da educação e dos livros didáticos, para uma sociedade mais igualitária? A forma como os livros didáticos do 1.º ao 6.º anos do ensino básico, representam as meninas e as mulheres contribuem para minimizar as distâncias sociais entre homens e mulheres?

O *Objetivo Geral* deste estudo é analisar o modo como é representado o género feminino, nos livros didáticos do ensino básico, dos 1.º e 2.º ciclos, na Guiné Bissau e, especificamente, propõe-se a:

1. Analisar se a forma como as mulheres e as meninas são representadas nos livros didáticos, reproduz os preconceitos e as tradições culturais, que contribuem para perpetuar as desigualdades entre homens e mulheres, meninos e meninas na sociedade guineense;
2. Analisar se existe congruência entre os papéis associados à identidade de género, e a forma como as mulheres e as meninas são representadas nos manuais escolares;
3. Descrever qual o entendimento que os professores têm sobre as imagens que ilustram os manuais, e se estas reproduzem ou não os estereótipos associados aos papéis sociais de género.
4. Perceber até que ponto os livros didáticos estão ou não a contribuir para melhorar o quadro geral do universo feminino e da igualdade de género na Guiné Bissau.

Um estudo desta natureza justifica-se, como antes referimos, pela falta de estudos neste domínio na RGB e mais ainda quando o objeto de estudo são os materiais didáticos do ensino

básico, 1.º e 2.º ciclos. Dados recentes mostram que há uma vantagem, em número de meninas, que ingressam no nível pré-primário e primário, mas que este número diminui consideravelmente, conforme se avança nos anos de escolaridade.

Quanto ao nível escolar de homens e mulheres de 15 a 49 anos, tanto em relação ao nível básico assim como secundário ou superior, a percentagem dos homens é sempre superior à das mulheres contrariando o que se verifica no nível pré-escolar. (MICS 2018/19, p. 6).

Em 2012 o primeiro documento de Política Nacional para a Igualdade e Equidade de Gêneros – PNIEG 2012-2015, evidenciou disparidades entre gêneros, dando ênfase às desvantagens na participação da mulher na vida sociopolítica do País.

Os dados sobre as desigualdades entre homens e mulheres, meninos e meninas, no setor educativo certamente terão reflexos, também negativos, na participação de cada categoria na economia e nas diferentes esferas políticas e de tomada de decisão. Infelizmente, as diferenças entre os gêneros apresentadas pelos dados estatísticos nacionais, não são casos isolados. Segundo Sen (1989).

A capacidade de ler e escrever também é muito importante, e as taxas de analfabetismo são muitas vezes escandalosamente mais altas entre as mulheres em diversas partes do mundo. O efeito combinado de uma alta taxa de analfabetismo em geral (a carência de uma capacidade básica nos dois gêneros) e de uma desigualdade de gênero nessa taxa (carência maior das mulheres com respeito a essa capacidade básica) tende a ser desastroso para as mulheres. Aparentemente, mesmo deixando de lado muitos países sobre os quais não dispomos de informações confiáveis, em muitos outros a taxa de analfabetismo das mulheres é superior a 50%. Na verdade, é superior mesmo a 70% em 26 países, a 80% em 16 e a 90% em pelo menos 5 (p. 331).

Sem contar que a tendência, nesses casos, é que o índice de violência baseada no género acompanha o alto índice de analfabetismo das mulheres e contribui para enfatizar e manter um grande número de mulheres, entre os membros mais vulneráveis da sociedade levando-as, muita vezes, a acreditar que são mesmo merecedoras das violências sofridas.

Sobre a violência doméstica, 36% e 37% de mulheres e homens, acham justificável a violência doméstica como forma de castigar a mulher pelos seguintes motivos: sai sem aviso prévio; negligencia os filhos; discute com ele; recusa-se a fazer sexo com ele; queima a comida (MICS 2018/19, p.72).

Do ponto de vista metodológico atentou-se, primeiramente, para uma revisão bibliográfica e análise de dados já disponíveis, na literatura em geral sobre este tema. A pesquisa bibliográfica, que permitiu o aprofundamento dos conhecimentos sobre os principais conceitos trazidos para este debate, percorreu vários autores, Leis e Instituições, por meio de livros, sites, relatórios de pesquisa, artigos e publicações que abordaram a igualdade e equidade de géneros e que fazem parte dos referenciais teóricos, apresentados no final deste trabalho.

Num segundo momento, como não poderia deixar de ser, os livros didáticos do 1.º ao 6.º anos do ensino básico da Guiné Bissau, constituíram o principal objeto de análise, tendo como foco 1) as imagens das capas; 2) as imagens internas ilustrativas das histórias; e 3) os textos e histórias que compõem os livros de leitura. Esse exercício, permitiu elaborar as questões pertinentes que foram agrupados num questionário/professor que posteriormente foi respondido por 100 professores de 35 escolas públicas. As questões foram agrupadas em três subtemas – a) identificação dos professores; b) opinião dos

professores sobre a igualdade de género nos livros didáticos; e c) opinião dos professores sobre o uso, exagerado ou não, de figuras animadas do folclore tradicional guineense.

A terceira etapa, da análise dos questionários respondidos pelos professores, ocorreu entre os meses de Julho e Setembro de 2020, a que se seguiu uma entrevista com a Diretora Geral do Ensino Básico em Agosto de 2020, com um roteiro elaborado, especificamente, para este trabalho.

Os resultados destas análises e as respostas às questões levantadas são apresentadas em três capítulos e alguns subcapítulos, quando estes se mostraram necessários. Assim, após esta Introdução, apresentamos o Capítulo I, onde fazemos o Enquadramento Teórico. Segue-se o Capítulo II onde expomos a Metodologia adotada neste estudo. No Capítulo III apresentamos e analisamos os resultados. Por fim apresentamos as Conclusões.

Esperamos que este estudo e os seus resultados possam servir de referência para futuros trabalhos desta natureza e contribuir para uma reflexão em busca de melhores estratégias para alcançar uma maior igualdade de género. Gostaríamos ainda de contribuir para o grande debate nacional sobre a igualdade e a equidade de género.

Capítulo I

Quadro Teórico de Referência

Analfabetismo e Abandono Escolar na Guiné Bissau

A escassez de dados sobre questões de género no sistema educativo nacional da Guiné Bissau é de conhecimento de todos, que procuram por ele. Contudo, todos os documentos de estratégias nacionais apresentam análises, das diferentes áreas de desenvolvimento, tecendo sempre as disparidades de géneros e altos índices de analfabetismo na classe feminina, como um dos aspetos salientes e uma das causas do subdesenvolvimento.

Na Guiné Bissau o cumprimento das metas da educação, traçadas pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) encontra barreiras, muita das vezes difíceis de ultrapassar, quando se implementam as Leis, Políticas Públicas e Estratégias elaboradas para o efeito.

No quadro 1 apresentamos algumas estatísticas referentes ao sistema educativo da Guiné Bissau.

Quadro 1

Alguns indicadores estatísticos do ensino na Guiné Bissau

ODS	Indicador MICS	Definições e Notas	Valor
4.1.4	LN.8 a, b, c	Taxa de conclusão(educação primária, secundário inferior, secundário superior)	27%/17%/11%
4.1.5	LN.6 a, b, c	Taxa de crianças fora da escola(educação primária, secundário inferior, secundário superior)	28%/23%/32%
4.1.6	LN.10 a, b	Percentagem de crianças que com idade superior para o grau(educação primária, secundário inferior)	30%/69%
4.2.2	LN.2	Taxa de participação na aprendizagem organizada (um ano antes da idade oficial de ingresso no ensino primária), por sexo	H:32%/M:33%
4.5.1	LN.5a	Índices de paridade (mulheres/homens, zonas rurais e urbanas, quintil superior/inferior de ingresso) para taxa líquida de frequência ajustada no ensino primário	0.9/0.3/0.3
4.5.1	LN.5 b	Índices de paridade (mulheres/homens, zonas rurais e urbanas, quintil superior/inferior de ingresso) para taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário inferior	0.9/0.2/0.1

Posto isto, não é difícil perceber as disparidades de género na educação guineense reconhecendo que, normalmente, as meninas e mulheres estão em desvantagem em relação a meninos e homens. “Assim, a nível do segundo ciclo do ensino básico, coloca-se um problema duplo: por um lado, alunos com idade mais avançada estão ao lado dos mais novos, situação que pode ser difícil de gerir pelos professores. Por outro lado, os alunos com idade mais elevada chegam a uma fase em que os custos de oportunidade têm um papel preponderante (trabalho e casamento precoce). Portanto, abandonam o ensino sem terem tido tempo de adquirir os conhecimentos de base necessários ao longo da vida” (PSE, 2017 – 2025, p. 17-18).

São inúmeras as Instituições, nacionais e internacionais, que trabalham em esforço conjugado para diminuir a disparidades entre os géneros e diminuir o seu impacto em diferentes níveis socioeconómico e político nacional, embora os números ainda não são os mais desejáveis. A análise da equidade de género, do Sexto Inquérito aos Indicadores Múltiplos da Guiné-Bissau (MICS-6) realizado em 2018-2019 pelo Instituto Nacional de Estatística foi enfática em mostrar as vantagens de uma experiência escolar e educação de qualidade, na vida das pessoas.

A educação de qualidade e experiências escolares afetam positivamente a saúde física e mental, a segurança, o engajamento cívico e o desenvolvimento social. Os adolescentes, no entanto, também podem enfrentar o risco de abandonar a escola, casamento ou gravidez precoce, ou serem incorporados prematuramente na força de trabalho. (MICS 2018/19, p.17).

O abandono escolar é o fator principal do analfabetismo de meninas e mulheres na Guiné Bissau, que arrasta consigo aspetos que têm pesos “injustos” sobre a condição

feminina. Entre as várias causas, que concorrem para o alto índice de analfabetismo de mulheres e meninas, também está o abandono escolar impulsionado por fatores sociais de risco, tais como gravidez e casamento precoces, o trabalho infantil, Mutilação Genital Feminina (MGF), as deficiências físicas, entre outros. Estas causas também levam ao abandono escolar, sobretudo nas meninas em geral e com um peso maior sobre as meninas das zonas rurais, contribuindo assim para o aumento das disparidades literárias, entre os géneros.

Segundo o Plano Setorial da Educação (PSE), “Com efeito, 75% das raparigas numa geração acedem ao primeiro ciclo do ensino básico contra 80% dos rapazes, enquanto apenas 48% das raparigas chegarão ao fim do segundo ciclo do ensino básico e 72% dos rapazes poderão concluí-lo”. (PSE. 2017, p. 18).

Com efeito, o MICS 2018/19 também evidenciou essa tendência de baixa, no índice de frequência de meninas e mulheres, nos níveis mais avançados do ensino, como mostra o quadro 2, que apresenta a taxa líquida de frequência é maior entre as meninas 69.6% enquanto 67.7% para os meninos, nos primeiros anos de ensino e uma diminuição acentuada nos níveis seguintes.

No quadro 2 apresentamos as estatísticas mais recentes referentes ao índice de paridade entre meninos e meninas na Guiné Bissau.

Quadro 2

Índice de paridade entre meninos e meninas no sistema de ensino na Guiné Bissau

TABELA LN.2.8: ÍNDICES DE PARIDADE NA EDUCAÇÃO
Relação entre as taxas de frequência líquida ajustada de meninas para meninos, no ensino primário, secundário inferior e inferior, MICS6, Guiné-Bissau, 2018 - 2019

	Primário				Secundário inferior				Secundário superior			
	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino primário (TLF), meninas	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino primário (TLF), meninos	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino primário (TLF), total [1]	Índice de paridade de gênero (IPG) para TLF ajustado no ensino primário [3]	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário inferior, meninas	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário inferior, meninos	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário inferior, total [1]	Índice de paridade de gênero (IPG) para TLF ajustado no ensino secundário inferior [3]	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário superior, meninas	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário superior, meninos	Taxa líquida de frequência ajustada no ensino secundário superior, total [1]	Índice de paridade de gênero (IPG) para TLF ajustado no ensino secundário superior [3]
Total [3]	69.6	67.7	68.7	1.0	8.9	10.1	9.5	0.9	7.0	5.4	6.2	1.3
Meio de residência												
Urbano	84.1	83.8	84.0	1.0	16.5	20.9	18.6	0.8	12.6	12.7	12.6	1.0
Rural	61.5	60.2	60.8	1.0	4.0	4.0	4.0	1.0	2.0	1.1	1.5	1.8

MICS 2018/2019, p.439

Apesar da falta de estudos sobre os fatores que levam à queda no índice de frequência escolar de meninas na passagem do ensino primário para o secundário, reconhece-se que há fatores culturais que agravam as deficiências estruturais do sistema nacional de ensino, que favorecem o abandono das meninas, sobretudo das zonas rurais. A ausência de escolas com níveis de ensino mais elevados nas comunidades rurais, faz com que as famílias tenham que transferir seus educandos para cidades onde possam encontrar os níveis de ensino mais elevados.

Portanto, a partir do quinto ano, quando meninos e meninas são obrigados a se afastarem de suas famílias, com objetivo de alcançar níveis mais elevados de estudo, muitas meninas são penalizadas, já que os pais temem a gravidez precoce, os desvios de comportamento e outros riscos que caracterizam esse afastamento de meninas, para estudarem em localidades mais distantes de suas comunidades, acabam por priorizar os filhos em detrimento das filhas.

A gravidez precoce, cujo índice é de 27% segundo o último MICS, constitui um dos problemas nacionais de saúde pública, pois contribui para o aumento do índice de mortalidade materna no País. Suas consequências impactam mais sobre as meninas, dado

que, mesmo quando ocorre como resultado de uma relação sexual com seu colega, de sexo masculino, os efeitos sobre a sua educação são maiores. No entanto, há ainda as práticas culturais, de algumas etnias, em que os casamentos são acertados precocemente, entre a família da recém-nascida e o futuro noivo, o que resulta num casamento precoce e consequentemente numa gravidez precoce.

Segundo o resultado do último MICS 8,1% de mulheres, com idade entre os 20 e 24 anos, afirmaram terem contraído matrimônio antes de 15 anos e 25.7% delas antes dos 18 anos.

O casamento infantil é mais frequente no meio rural onde cerca de 1/3 de adolescentes/jovens raparigas se casam antes de 18 anos e 1/10 de adolescentes e jovens raparigas antes dos 15 anos. No meio urbano, 1/10 se casa antes dos 18 anos e 3% dos adolescentes antes dos 15 anos. Em média, cerca de 1/4 de jovens se casam antes dos 18 anos e um pouco menos de 1/10 se casam antes dos 15 (MICS 2018/19, p. 20).

O trabalho infantil é outro flagelo do século que afeta de forma nefasta as crianças em particular em África e na Guiné Bissau, cujos efeitos negativos deixam traumas psicológicos e muita das vezes físicos que acompanham a vida das crianças. Dados recentes apontam que 56.3% de crianças entre os 12 a 14 anos realizam atividades que consomem pelo menos 14 horas semanais.

Apesar das leis nacionais e as Convenções Internacionais sobre a proibição do trabalho infantil e da existência de inúmeras Instituições a favor dos direitos da criança no País, inúmeras crianças e adolescentes ainda sofrem com o fenómeno trabalho infantil, de acordo com os últimos dados de MICS 2018/2019.

Na Guiné-Bissau, 17% de crianças de 5 a 17 anos de idade está envolvida no trabalho infantil. Este fenómeno afeta mais as crianças do quintil mais pobre (23%) do que as do quintil mais rico (5%). Também as crianças do meio rural são as mais afetadas (22%) do que as do meio urbano (9%). Entre as crianças que frequentam a escola e as que não frequentam a escola, a proporção é de 15% contra 22%. 24% das crianças de 5 a 11 anos estão envolvidas em atividades económicas; Em termos de género, os meninos são os mais afetados (17%) do que as meninas (13%); MICS 2018/19, p. 49).

Entretanto, as meninas são chamadas a desempenhar tarefas domésticas cujas características diárias e repetitivas – tais como varrer e limpar a casa, preparo das refeições, apoiar as mães nos cuidados com irmãos menores, venda de frutas e amendoim como fonte de renda para a família, etc. - não lhes permitem ser frequentes e permanentes no recinto escolar, contribuindo assim para abandonarem os estudos. Cada vez mais campanhas de sensibilização são intensificadas pelas Instituições vocacionadas ao cumprimento das leis e convenções sobre os direitos das crianças, mas ainda se observa índices relativamente altos de trabalho infantil. Segundo MICS 2018/1, neste quesito, em geral, os meninos são mais afetados que as meninas, assim como os das zonas rurais sofrem mais que as crianças das zonas urbanas.

No quadro 3 apresentamos as taxas de conclusão dos vários níveis de ensino por género e zonas rural e urbana.

Quadro 3

Taxas de conclusão dos vários níveis de ensino por género e zona rural e urbana

%	Masculino	Feminino	Zona Rural	Zona Urbana
Primária	29	25	14	47
Secundário Inferior	18	16	7	31
Secundário Superior	14	8	4	19

Tabela Constituída com dados do MICS 2018/19

Apesar das Convenções Internacionais e a Lei 14/2011 de 06 de Julho da Guiné Bissau criminalizar no seu artigo nº 02 “toda a forma de amputação, incisão ou ablação parcial ou total do órgão genital externo da pessoa do sexo feminino, bem como todas as ofensas praticadas sobre aquele órgão por razões socio cultural, religiosa, higiene ou qualquer outra razão invocada” a Mutilação Genital Feminina (MGF), essa prática cultural nefasta continua a afetar a saúde física e psicológica de uma parcela considerável de meninas e mulheres na Guiné Bissau.

No quadro 4 apresentamos o percentual de mulheres de 15 a 49 anos que afirmam terem sido submetidas a algum tipo de MGF.

Quadro 4

Percentual de mulheres de 15 a 49 anos que tenham sofrido algum tipo de MGF na zona rural e urbana

TABELA PR.5.1: MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA (MGF) ENTRE MULHERES
Percentagem de mulheres de 15 a 49 anos por estado de MGF e distribuição percentual de mulheres que tiveram MGF por tipo de MGF
MICS6, Guiné-Bissau, 2018 - 2019

	Percentagem que tinha alguma forma de MGF [1]	Número de mulheres	Distribuição percentual de mulheres que tiveram MGF:					Número de mulheres que tiveram MGF
			Mutilaram (tiraram) alguma parte na zona genital	Parte genital cortada apenas sem que a carne fosse removida	Zona da vagina fecharam com uma costura	Forma de MGF não determinada	Total	
Total	52.1	10,945	73.8	1.1	18.5	6.5	100.0	5,703
Meio de residência								
Urbano	42.7	4,475	69.4	1.7	19.2	9.8	100.0	1,909
Rural	58.6	6,470	76.1	0.9	18.1	4.9	100.0	3,794

Fonte: MICS 2018/2019, p. 508

As sequelas sofridas por mulheres e meninas submetidas a esta prática, não são apenas físicas, pois os riscos da saúde sexual e reprodutiva e os traumas psicológicos de curto e longo prazo, acompanham a mulher ao longo da vida. Segundo CNAPN, a realidade de quem passa por experiência da MGF é marcada por traumas psicológicos de curto prazo, tais como dores intensas, dificuldades para urinar, infecções, etc., e os de longo prazo, como incontinência urinária, dificuldades para engravidar e até complicações no parto e consequente morte do bebê (CNAPN, Cartilha 2019).

No quadro 5 apresentamos o percentual de crianças de 0 a 14 anos, filhas de mulheres de 15 a 49 anos, que também tenham sido submetidas a algum tipo de MGF.

Quadro 5

Percentual de crianças de 0 a 14 anos, filhas de mulheres de 15 a 49 anos, que tenham sofrido algum tipo de MGF na zona rural e urbana

TABELA PR.5.3: MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA (MGF) ENTRE MENINAS
Percentagem de filhas de 0 a 14 anos para mulheres de 15 a 49 anos de idade, segundo o estado de MGF e distribuição percentual de filhas que tiveram MGF por tipo de MGF, MICS6, Guiné-Bissau, 2018 - 2019

	Percentagem de filhas que tiveram alguma forma de MGF [1]	Número de filhas de 0 a 14 anos	Distribuição percentual de filhas de 0 a 14 anos que tiveram MGF:					Número de filhas de 0 a 14 anos que tiveram MGF
			Mutilaram (tiraram) alguma parte na zona genital	Parte genital cortada apenas sem que a carne fosse removida	Zona da vagina fecharam com uma costura	Forma de MGF não determinada	Total	
Total	29.7	8,625	81.4	1.5	13.4	3.6	100.0	2,558
Meio de residência								
Urbano	17.6	2,502	77.2	2.0	12.6	8.2	100.0	441
Rural	34.6	6,123	82.3	1.4	13.6	2.7	100.0	2,117

Fonte: MICS 2018/2019, p.512

Segundo os últimos dados do MICS 2018/19 uma em cada duas mulheres de 15 a 49 anos de idade declarou ter sido submetida a alguma forma de MGF, embora seja uma prática observada apenas em algumas etnias. Também evidenciou a intrínseca relação entre o nível de escolaridade das mães e a probabilidade das meninas serem excisadas.

As regiões de Gabu e Bafatá apresentam as maiores percentagens de prevalência da MGF entre mulheres 15-49, com 96% e 87% respetivamente. A prática de MGF é maior entre as mulheres residentes no meio rural (59%) do que nas mulheres residentes no meio urbano (43%). Nas meninas de 0 a 14 anos, 1 em cada 3 meninas apresentam algum tipo de MGF, e esta prática é inversamente proporcional a nível de escolaridade das mães destas meninas, o

que significa que quanto maior o nível de escolaridade das mães, menor é a probabilidade das meninas serem excisadas (MICS 2018/19, p. 53).

No entanto, num esforço conjunto com a sociedade civil, o governo da Guiné-Bissau estabeleceu uma instituição de caráter semipúblico, que integra tanto as organizações da sociedade civil como instituições religiosas e pessoas individuais, na busca de meios eficazes para erradicar a MGF. O Comité Nacional para o Abandono de Práticas Nefastas (CNAPN), que trabalha com as Organizações Internacionais de Direitos Humanos, para acabar não só com esta prática que afeta milhões de meninas e mulheres, em todo o mundo, mas também com o casamento precoce e forçado, a gravidez precoce, as violências baseadas no género, feitas a mulheres e meninas, que são obstáculos ao acesso e a vivência de seus Direitos.

As deficiências que afetam o funcionamento físico das crianças, também concorrem para aumentar os baixos índices literários de meninas e mulheres na Guiné - Bissau, levando inúmeras crianças a serem afastadas das escolas e, por vezes até do convívio social.

No país, 5% de crianças de 2 a 4 anos e 16% de 5 a 17 anos apresentam dificuldades funcionais em pelo menos um domínio. Nas crianças de 2 a 4 anos, 0.3% tem dificuldade funcional relacionado com a visão, 0.1% com a audição, 0.2% com a locomoção, 0.2% com a comunicação, 0.2% com a aprendizagem, 0.1% com jogar, 4% com o comportamento de controlo (MICS 2018/19, p. 56).

Dados do MICS 2018/19 mostram que as crianças com dificuldades funcionais, geralmente, são grupos mais desfavorecidas da sociedade e são as que menos vão à escola, e as que têm menos acesso a outros serviços básicos tais como a saúde, além de verem

diminuídos as possibilidades de exercício de seus direitos. “Entre as crianças de 5 a 17 anos, 14% das crianças tem problemas de ansiedade e 5% com problemas de depressão. Oio, SAB e Cacheu, são as regiões com maiores percentagens de dificuldades funcionais nas crianças de 2 a 4 anos (17%, 4% e 4% respectivamente). Para as crianças de 5 -17 anos, as regiões de Gabu e Biombo, são as de maior percentagem com dificuldades funcionais (42% e 24% respectivamente) ”; (MICS 2018/19, p. 56).

O quadro 6 apresenta a taxa de crianças que têm algum tipo de dificuldade funcional, por sexo e por meio rural e urbano.

Quadro 6

Taxa de crianças com dificuldades funcionais, por sexo e por zonas rurais e urbana

	Percentagem de crianças de 5 a 17 anos com dificuldade funcional [A] no domínio de:													Percentagem de crianças de 5 a 17 anos com dificuldade funcional em pelo menos um domínio	Número de crianças de 5 a 17 anos
	Ver	Ouvir	Andar	Cuidar de si mesmo (alimentar-se e vestir-se)	Comunicar-se	Aprender	Recordar \ lembrar	Concentrar-se	Aceitar mudanças na sua rotina	Controle de comportamento	Fazer amizades	Ansioso / nervoso / preocupado	Depressão		
Total	0.1	0.1	0.6	0.2	0.2	0.3	0.2	0.0	0.1	0.2	0.2	14.1	4.8	16.2	16,661
Sexo															
Masculino	0.2	0.2	0.5	0.2	0.1	0.5	0.2	0.0	0.2	0.1	0.3	14.1	5.2	16.2	8,252
Feminino	0.1	0.1	0.8	0.2	0.2	0.2	0.1	0.1	0.1	0.4	0.0	14.1	4.4	16.1	8,409
Meio de residência															
Urbano	0.1	0.1	0.9	0.1	0.3	0.8	0.3	0.1	0.3	0.6	0.2	13.4	4.7	16.4	5,892
Rural	0.1	0.1	0.5	0.2	0.1	0.1	0.1	0.0	0.0	0.0	0.1	14.5	4.8	16.0	10,769

Fonte: MICS 2018/2019, p.590

Até há bem pouco tempo o Ministério da Educação Nacional e do Ensino Superior (MENES) da Guiné Bissau não conta com uma estrutura interna que gerisse, orientasse e facilitasse o acesso e a inclusão das crianças portadoras de deficiências nas turmas do ensino normal, apesar da Lei de Base do Sistema Educativo (LBSE) Nº 4/2011, de 29 de Março definir no seu artigo nº 33 a educação especial como aquela que “tem em vista ministrar

cuidados educativos adequados a indivíduos com deficiências físicas ou mentais e a crianças sobredotadas” (artigo nº 34).

A educação especial realiza-se em estabelecimentos regulares de ensino público bem como em estabelecimentos específicos, em função do tipo e de grau de deficiência e do ritmo de aprendizagem do educando”. (LBSE 2011, Art. 34º).

No final de 2020 o MENES, num trabalho conjunto com a Humanité Inclusion (HI), uma Organização de Solidariedade Internacional com atividades no País e com suporte financiamento do Programa Alimentar Mundial (PAM), criou a Direção Geral da Educação Inclusiva (DGEI). Um gabinete com o objetivo de promover a educação inclusiva, através do seguimento e implementação das políticas, capacitação dos professores, facilitar o processo de orientação inclusão das crianças portadoras de deficiências, no processo de ensino normal.

Segundo o relatório do HI, além de estruturar a nova Direção, o projeto também capacitou 35 profissionais de educação, entre os quais o novo diretor e dois técnicos afetos a DGEI, diretores regionais de educação, diretores de 16 escolas, das regiões de Oio e Cacheu, onde também ocorreram as sensibilizações a 38 comunidades e apoio a 110 famílias com crianças portadoras de deficiências, durante a pandemia de COVID 19. Dados do MICS 2018/19 confirmaram que, ao nível nacional, as regiões de Oio, Cacheu e SAB são as mais afetadas pelas deficiências infantis.

Oio, SAB e Cacheu, são as regiões com maiores percentagens de dificuldades funcionais nas crianças de 2 a 4 anos (17%, 4% e 4%, respetivamente). Para as crianças de 5-7 anos, as regiões de Gabu e Biombo, são as de maior

percentagem com dificuldades funcionais (42% e 24% respetivamente) ”

(MICS 2018/2019, p. 56).

A carência de escolas do ensino especial no País, faz com que muitas crianças portadoras de deficiência fiquem fora do sistema nacional de ensino, sobretudo as que estão nas zonas rurais. Temos conhecimento de apenas 5 escolas de caráter especial no País, sendo a escola Duarte Vieira em Bissau, AGRICE em Safim, escola de Surdos e Mudos em Prabis, Guerda em Buba e Escola Vocacionada de Surdos e Mudos em Bissorã. Contudo, o Plano Setorial da Educação (PSE 2017-2025) prevê estratégias importantes para que todos tenham acesso aos dois primeiros ciclos do ensino básico, além de desincentivar as práticas, consideradas ilícitas com as meninas.

Incentivar a inscrição e a permanência das raparigas, em particular nas regiões e nos sectores onde as diferenças de género são mais significativas. Para esse efeito, o MEN sensibilizará as populações e os diretores escolares para as 9 Prioridade concedida às escolas nas zonas de fraca oferta escolar e às escolas incompletas com grandes efetivos 10 5% dos professores serão abrangidos e o subsídio representará em média 15% do salário do professor, durante toda a duração do ano letivo condições de segurança na proximidade das escolas e convidará as escolas a incluir nos seus projetos, atividades de identificação local dos obstáculos à escolarização das raparigas e meios de os remediar. Além disso, a administração incentivará a denúncia dos comportamentos violentos ou ilícitos de que as raparigas possam ser vítimas (PSE 2017-2025, p. 38).

Livro Didático

“Os livros didáticos são os mais usados instrumentos de trabalho integrante da “tradição escolar” de professores e alunos, fazendo parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos. Trata-se do objeto cultural de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros”.

(Bittencourt, 2008, p. 299).

Em primeiro lugar o livro didático é um dos instrumentos pertencentes à cultura escolar, fato que o confere o significado de “algo” próprio da escola e, como tal, é produzido para ser utilizado no interior da escola. Cabe destacar também que a produção da literatura didática tem sido alvo de preocupações governamentais, em especial no ramo de história.

Bittencourt (2008), também reconhece que apesar de muito utilizado, o livro didático é um objeto de difícil definição e análise, mesmo que sua definição seja fácil diante de suas características únicas e específicas.

Trata-se de objeto cultural de difícil definição, por ser obra bastante complexa que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas”, e para a sua elaboração e uso existem muitas interferências [...] constitui também um suporte de conhecimentos escolares propostos para currículos educacionais. Essa característica faz com que o Estado esteja sempre presente na existência do livro didático (Bitterncourt, 2008, p. 301).

Na Guiné-Bissau, embora exista formalmente esse “elemento da cultura escolar”, o manual ainda não faz parte do universo escolar. Muitos professores desconhecem a sua existência e também os dados sobre a escolarização apresentados anteriormente neste trabalho.

O uso dos Manuais Escolares encontra barreiras causadas por problemas estruturais do próprio sistema educativo nacional, tais como greves e interrupções sucessivas, falta de harmonização do currículo entre escolas públicas e privadas, falta de sintonia na aplicação periódica dos Manuais entre regiões e escolas e entre os mesmos níveis de escolaridade, etc.

Os problemas estruturais no sistema de ensino público guineense causou também o fenómeno de aparecimento de várias categorias de escolas, que surgiram como alternativa à inconsistência do sistema público de ensino causadas, sobretudo, por sucessivas greves dos professores. A multiplicidade das categorias de escolas na Guiné Bissau: Público, Privada, Auto Gestão, Comunitária, Católica, Corânica, leva à utilização de diversos tipos de Manuais, paralelamente aos Manuais oficiais adotados pelo Ministério da Educação, facto esse que causa inevitáveis diferenças, ligeiras ou não, nos conteúdos ministrados aos alunos.

Assim como podemos encontrar escolas que seguem, religiosamente, o uso e as aplicações dos Manuais oficiais adotados pelo Ministério da Educação, também se pode encontrar outras que os ignoram totalmente, aplicando outros Manuais que, embora funcionem como ferramenta pedagógica, não contribuem para a harmonização dos conhecimentos e para os objetivos de uma sociedade coesa, baseada em ideais comuns que favorecem a paz, estabilidade e metas comuns, tao importantes para qualquer sociedade e muito mais relevantes para a Guiné-Bissau devido à sua diversidade étnico-cultural e linguística. E há escolas que nem sequer têm manuais. Essas disparidades encontrados no sistema educativo nacional, associados ao fraco nível de formação dos professores, também refletem no baixo nível de aprendizagem dos alunos que saem dos diferentes níveis do ensino primário, nas diferentes regiões e diferentes categorias de escolas.

Uma das principais causas do fraco desempenho dos alunos em matéria de aquisição de conhecimentos é o nível dos professores. Quer seja em português, quer em matemática, os próprios professores têm dificuldades em

responder corretamente às perguntas que foram feitas aos alunos. Se 32% dos professores não conseguiram responder corretamente à prova de português aplicada aos alunos do 2º ano, a percentagem é ainda mais alta em matemática, em que mais de metade dos docentes está afetada (54%). No 5º ano, o problema generaliza-se: 95% dos professores não domina o que ensina aos alunos em língua portuguesa e 98% dos professores não domina a matemática que ensina aos alunos” (PSE 2017-2025, p. 15).

A ausência, de um exame nacional que harmonize a qualidade e nível do aprendizado das diferentes escolas, também constitui um dos maiores problemas, pois seria um mecanismo fundamental para efetivar a harmonização do uso dos Manuais nacionais.

A meu ver, a maior importância do livro didático não assenta apenas em ser uma ferramenta facilitadora do processo de ensino e aprendizagem, um objeto de apoio e orientação a docência ou um guia para o aluno mas, em ser, como mostram alguns autores aqui apresentados, um elemento unificador e harmonizador dos pensamentos coletivos de uma Nação. Portanto, a multiplicidade de Manuais Escolares, num País, seria contra qualquer ideal de união e paz.

Concordamos que a sua adoção uniforme em todas as escolas não limita o uso de outros livros e autores que possam contribuir para a melhor compreensão dos temas proposto, ou seja, ela deve ser a base para planificação em todas as escolas sob orientação do Ministério da Educação.

Género, Sexo e Igualdade de Género

Não se trata aqui dos diversos tipos de géneros existentes (género literário, género musical, etc.) mas do género do ponto de vista sociológico e psicológico que é entendido

como as diferenças, socialmente estabelecidas, entre homens, mulheres, meninos e meninas tendo em consideração os padrões socioculturais de cada povo.

O género é uma variável multidimensional que incluiu a identidade de género biológico e a identidade de papéis sexuais, socialmente definidas e desempenhadas por indivíduos do mesmo sexo. Estamos sobretudo atentos a esta segunda dimensão da identidade de género e como ela é representada nos manuais escolares, do primeiro e segundo ciclos do ensino básico, na Guiné Bissau.

Ao longo da história humana as diferenças entre os sexos desenvolveram-se, principalmente, entre as perspetivas sociológicas essencialista e a culturalista. As vozes essencialistas sempre exaltaram a "diferença sexual", entre homens e mulheres, defendendo a existência de uma "essência feminina", enquanto que para os culturalistas, as diferenças sexuais advêm da interação social e da dinâmica cultural. Na perspetiva culturalista a superação da ordem e das leis patriarcais poderiam contribuir para a extinção das diferenças sexuais.

Kergoat valendo-se do conceito instituído pelo filósofo francês Emili Durkheim, afirma que “Estas, como todas as relações sociais, têm uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem através da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada, de maneira concisa, divisão sexual do trabalho” (2000, p. 55).

O debate histórico sobre o género tende a ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado, como definem as ciências biológicas. Atualmente, a questão de género está fortemente apresentada e representada na sociedade, por meio de vários canais de comunicação e suas representações são construídas, principalmente, com base em padrões e estereótipos que conferem uma determinada identidade à mulher.

O termo "género" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Género" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "género" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995, p. 75).

Se entendido como uma categoria de análise, o género ajuda a compreender o tecido social das sociedades atuais e especificamente, a realidade histórica que as precedem. Para a socióloga brasileira Heleieth Saffiotti (1997) o género, assim como as categorias raça/etnia e classe social, não são apenas categorias de análise, pois, antes de serem concebidos como constructos intelectuais, operam na realidade empírica enquanto categorias históricas.

Historicamente a mulher foi considerada, em várias sociedades, como um ser inferior ao homem o que pode ser a explicação para o género feminino ter-se configurado como um “grupo social” minoritário o que a excluiu da escrita da história da humanidade - como já indicamos - a história da humanidade é representada e apresentada de uma forma geral como a história dos homens.

Nesse sentido, uma das propostas da História preocupadas com género é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de género no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos”.

(Bassanezi, 1992, citado por Pinsky, 2011, p. 9).

A igualdade e equidade de género constitui um tema atual, mas com novas abordagens, sobre um tema tão antigo, quanto a existência do homem e das sociedades. As diferenças entre os géneros veio a ser enfatizada nas sociedades pós-industriais com a divisão social de trabalho. Vários autores, ao longo da história, abordaram a questão de género, sob diferentes perspetivas.

Sendo assim, há uma imperativa necessidade de entender as diferentes abordagens, feitas por variados autores ao longo da história das sociedades, e de se posicionar perante elas, antes de participarmos deste debate.

O género consiste no modo como determinado indivíduo se situa e se identifica na sociedade, com base no papel social, coletivamente reservada a ela e no sentimento individual e subjetivo de identidade pessoal. O conceito de identidade de género não está exclusivamente relacionado com os fatores biológicos, mas também com a identificação do indivíduo com determinado género (masculino, feminino ou ambos) e o papel concedido pela coletividade cultural.

As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, antes de tudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção – ou duas coleções – de indivíduos biologicamente distintos. Eles formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de sexo (Kergoat, 2000, p. 55).

Estou convicta de que para se desenvolver um País precisa de se engajar equitativamente, seus homens, mulheres, meninos e meninas em todas as esferas sociais de poder, dando valor aos trabalhos individuais de cada cidadão. Segundo o relatório, do Banco

Mundial, sobre igualdade de género e desenvolvimento (2012), esta abordagem pode aumentar a eficiência económica e melhorar outros resultados de desenvolvimento de três maneiras.

Primeiro removendo barreira que impedem às mulheres de ter o mesmo acesso que os homens têm à educação, oportunidades económicas e insumos produtivos podem gerar enormes ganhos de produtividade (...). Segundo, melhorar a condição absoluta e relativa das mulheres introduz muitos resultados de desenvolvimento, inclusive para seus filhos. Terceiro, o nivelamento das condições de competitividade- onde mulheres e homens têm chances iguais para se tornar socialmente e politicamente ativos, tomar decisões e formular políticas- provavelmente gerará no decorrer do tempo instituições e escolhas de políticas mais representativas e mais inclusivas, levando assim a um melhor caminho de desenvolvimento (Banco Mundial, 2012, p. 3).

Representação da Mulher

A representação da mulher, enquanto género feminino, está ligada à sua história e aos diversos acontecimentos sociais que os determinaram. Ao investigar o passado observa-se que, de uma forma geral, a mulher sempre viveu e sobreviveu sob uma subordinação à dominância masculina e quase não aparece na história, não que sua dinâmica, tivesse sido menos importante e menos participativa mas, principalmente, por conta desse estado de subordinação que eleva o género masculino a categoria superior.

São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas,

contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenómenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam” (Spink, 1993, p. 300).

O aspeto identidade sempre foi importante para qualquer indivíduo, mas ele se tornou ainda mais relevante nas sociedades atuais, onde há inúmeras fusões entre as suas diferentes dimensões, levando muita das vezes a dificuldades de definir os limites entre o individual e o coletivo e o local com o global, etc.

Ainda segundo a Spink (1993) a identidade é formada ao longo da história, é construída pelo próprio indivíduo e pela coletividade. Para Bourdieu (1983) a identidade individual constitui-se numa dialética de intenções, aspirações, objetivos interiores ao sujeito e condições materiais de existência, características de um grupo social exterior ao mesmo. Compreendendo que a constituição da identidade passa pelo processo histórico, existe, portanto, uma associação entre a identidade e a história enquanto ciência do passado e que, por vezes, a naturaliza e legitima.

A associação entre História e Identidade sempre esteve presente, num procedimento em que muitas das vezes estas identidades foram como que naturalizadas e a História serviu de respaldo e legitimação para encontrar em tempos remotos as provas necessárias que pudessem sustentar uma memória acerca de identidades (Guimarães, 2004, p. 56).

Embora pouco perceptível, na Guiné-Bissau, devido à pouca oportunidade dada a elas, o papel das mulheres na dinâmica sociopolítica é extremamente importante para o seu desenvolvimento. Para Sen (2005) o desenvolvimento vai além do crescimento económico, é preciso garantir os direitos das pessoas e dar condições delas desenvolverem suas capacidades. Permanecer com o conceito de inferioridade feminina, negando o direito de igualdade de género, privando as mulheres de salários dignos de condições de trabalho iguais, saúde, educação e cidadania é inviabilizar o desenvolvimento justo.

A contribuição da mulher, quando ela tem oportunidade de participar ativamente, na vida socioeconómico e político, possibilita mudanças em ambientes internos e externos que contribuem, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento do País, que vão além do ambiente social e familiar (onde as alterações costumam ser lineares, perceptíveis e opera revolucionárias mudanças, na qualidade de vida de toda a família tanto na saúde, educação, segurança alimentar e nutricional, etc.), mas também ao ambiente externo e político contribui para a tomada de decisões e orientações que podem melhorar a vida delas mesmas e de toda a sociedade, na medida em que participa com elementos exatos e subjetivos.

Há provas abundantes de que, sempre que as disposições sociais deferem da prática tradicional da propriedade masculina, as mulheres conseguem tomar iniciativas nos negócios e na economia com grande êxito. Está claro que o resultado da prática feminina não é meramente a geração de renda para as mulheres, mas também a provisão dos benefícios sociais decorrentes de status mais elevados e da independência feminina (incluindo a redução das taxas de mortalidade e fecundidade). Assim, a participação económica das mulheres é tanto uma recompensa em si (com a redução associada do viés contra o sexo feminino na tomada de decisões familiares) como uma grande influência para a mudança social em geral. (Sen, 2005, p. 233).

Nos ambientes de trabalho e de tomadas de decisões é inegável o distanciamento entre o papel social desempenhado por uma mulher alfabetizada e o de uma não alfabetizada, no entanto, é compreensível esse distanciamento social e é, por esta e outras razões, que as grandes diretrizes globais e locais advogam pela abordagem transversal de géneros.

O papel feminino nas mudanças sociais por tanto não se limita as mudanças em seu próprio benefício, mas também pode promover transformações na estrutura social de uma forma mais ampla. Ou seja, com o relativo ganho de poder que a mulher auferiu nos últimos anos ao sair de casa para trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro, 432 principalmente em países subdesenvolvidos, foi possível perceber transformações substanciais para essas sociedades mais do que a própria modernização que “quando não acompanhadas de ganho de poder para as mulheres pode até mesmo reforçar, em vez de enfraquecer, o viés contra o sexo feminino no aspeto da sobrevivência infantil” (Sen, 2005, p. 229).

A representatividade da mulher guineense.

A história da Guiné Bissau, a partir dos movimentos internos para a emancipação do País, apresenta vários relatos sobre a intensa participação das mulheres na mobilização e na própria ação de luta armada que culminou com a independência do País, a partir do chamado e incentivo de Amílcar Cabral.

Nós queremos que o nosso povo se levante, avance; e se queremos que o nosso povo se levante, não são só os homens porque as mulheres também são o nosso povo” (Cabral, 1974, p. 195).

Elas seguiram, espontaneamente, os ideais do PAIGC para a independência e seus percursos individuais eram determinados pelos líderes do partido, incluindo mulheres, de acordo com os objetivos imediatos e viam assim suas participações e carreiras definidas como professoras, enfermeiras, técnicas de comunicações, etc. “Portanto, o Partido não pode fazer grande bazófia de que recrutou mulheres. Em geral, as mulheres é que vieram para a luta, o que dá muito mais valor à presença de mulheres no Partido” (Cabral, 2014, p. 397).

Segundo relatos, Amílcar Cabral, que foi o grande idealizador da independência da Guiné Bissau, também foi o grande incentivador e promotor da igualdade de gênero.

É importante notar que Cabral introduziu o debate sobre a discriminação positiva em favor das raparigas que se candidatassem a frequência da Escola-Piloto, o melhor estabelecimento de ensino do PAIGC e com o nível de estudos mais elevado, argumentando que se deveria reconhecer que as jovens carregavam também o fardo das tarefas domésticas, impostas pelas suas famílias (Cabral, 2014, p. 222).

Não se pode contestar as oportunidades de integração e a vontade de participação que sempre acompanharam a mulher guineense nas diferentes etapas da construção do estado, apesar da resistência de alguns homens. “Há camaradas homens, alguns, que não querem entender que a liberdade para o nosso povo quer dizer liberdade também para as mulheres, a soberania para o nosso povo quer dizer que as mulheres também devem participar nisso” (Cabral, 1974, p. 179).

No entanto, a criação da União Democrática das Mulheres (UDEMU), em 1961, foi o marco para a emancipação da mulher guineense, pois tratava-se da afirmação delas como membros importantes de uma sociedade em construção e também era uma evidência da

aceitação e coabitação com os homens em, diferentes esferas sociais, buscando ao lado dos homens os melhores caminhos para o desenvolvimento.

De referir que, logo em 1961, quando da criação da sede do PAIGC em Conakry, foi também criada a União Democrática das Mulheres da Guiné e Cabo Verde (UDEMU), cujas atividades cessaram em 1966. Em 1965, o PAIGC instituiu a equidade de género, no respeitante à esfera familiar, profissional e política. A partir do ano seguinte, as mulheres foram integradas nas Milícias Populares, criadas para proteção da população civil. Em 1970 foi decidido que pelo menos 2/5 dos membros dos comités de tabanca deviam ser obrigatoriamente mulheres. Em 1972 as mulheres passaram a integrar os júris dos tribunais populares. Na Escola-Piloto de Conakry vigorava a equidade de género a nível dos comités de gestão e da representação dos estudantes. Ora, estas medidas afetaram diretamente a participação das mulheres guineenses (Coutinho, 2020, p. 6).

Contudo, notam-se retrocessos ao longo do percurso histórico do País, que não nos permitem sentir e observar essa dinâmica e aceitação da presença feminina nos círculos de tomada de decisão, nos momentos pré e pós independência, como mostram os dados da tabela do histórico da representatividade das mulheres na Assembleia Nacional Popular (ANP) (ver

O quadro 7 apresenta a taxa de representatividade das mulheres, na ANP, desde a primeira legislatura.

Quadro 7

Índice de Representatividade das mulheres no Parlamento da Guiné Bissau

Índice de Representatividade das Mulheres na ANP

Legislatura	período	Mulheres	Homens		% Mulheres
I	1973-1976	10	110	120	8.3%
II	1976-1984	19	131	150	12.7%
II	1984-1989	22	128	150	14.7%
IV	1989-1994	30	120	150	20.0%
V	1994-1999	9	91	100	9.0%
VI	1999-2004	7	95	102	6.9%
VII	2004-2008	13	87	100	13.0%
VIII	2008-2012	10	90	100	10.0%
IX	2014-2018	14	88	102	13.7%
X	2018-2022	14	88	102	13.7%

Quadro constituído a partir dos dados de Godinho Gomes e PNIEG II

Parece haver aqui um divisor de águas, que é a transição do período de partido único para a democracia, que dissipou a visão e abordagem holística de género que Amílcar Cabral incutiu nos membros do partido que liderava apesar de, naquela época, as concepções sobre a igualdade de género não serem tão populares, o que demonstra e confirma o elevado nível intelectual de Cabral. A desejada igualdade de género, que marcou o discurso e o percurso pré independência, não resistiu às grandes mudanças políticas e suas consequências sociais pois, com o passar dos anos, o número de mulheres nas esferas de tomada de decisão tem diminuído, dando lugar a uma busca por Leis, Políticas e Estratégias que regulamentam a igualdade de género e a consequente participação das mulheres na vida pública do País.

Com os esforços externos e globais para incluir a abordagem transversal de género em todos os documentos nacionais e internacionais, a Guiné Bissau tem elaborado, também, Leis e documentos de Políticas Estratégicas com vista a melhorar as estatísticas de participação das

mulheres. No quadro 8 que apresentamos a taxa de representatividade das mulheres, nos diferentes fóruns nacionais de tomada de decisão.

Quadro 8

Índice de participação das mulheres, nos diferentes fóruns de tomada de decisão

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	
<i>No Parlamento</i>	
- Mulheres deputadas	10,0%
- Homens deputados	90,0%
<i>No Executivo</i>	
Ministros	
- Mulheres	18,7%
- Homens	81,3%
Secretários de Estados	
- Mulheres	8,3%
- Homens	91,7%
<i>No poder judicial</i>	
Juízes	
- Mulheres	28,0%
- Homens	72,0%
Delegados do Ministério Público	
- Mulheres	13,0%
- Homens	87,0%

Fonte: PNIEG (2012-2015)

A elaboração do primeiro documento de Política Nacional para a Igualdade e Equidade de Género (PNIEG 2012-2015), tendo sido elaborado e aprovado em 2011, viu a sua implantação prática anulada pelo momento histórico que se seguiu à sua aprovação.

É nesse contexto que o Golpe de Estado 12 de Abril de 2012, para além de abalar as tentativas de estabilização do país, determinou a não adoção orçamental à implementação do PNIEG-I devido às sanções aplicadas em consequência dessa ação subversiva, algo que teve implicações diretas no funcionamento institucional da entidade mandata para pilotar a implementação da política, bem como a capacidade operacional da Equipa Técnica Nacional constituída para o efeito, resultante da suspensão dos

programas de cooperação internacional, repercutindo-se diretamente em não execução objetiva do PNIEG (PNIEG II, 2017, p. 9).

No entanto, a segunda geração da PNIEG, foi elaborada e validada a 6 de Março de 2017 e se propôs a “Contribuir à instauração na Guiné-Bissau de um Estado de Direito ao alcance tanto da mulher como do homem, em situação de igualdade de direitos, de deveres e de oportunidades” (PNIEG II, 2017, p. 24).

Ainda antes da conceção do PNIEG II, organizações femininas da sociedade civil começaram um movimento para a aprovação de uma Lei de Paridade de géneros, na ANP, que culminou com a aprovação da Lei de Quotas, em Agosto de 2018, que fixa em 36% a participação das mulheres nesse fórum e também futuramente, nos fóruns autárquicos, já que o País ainda não conta com autarquias.

É nesse quadro que são retomadas a discussão e a efetivação sobre a necessidade de adoção do Anteprojeto-Lei da Paridade, em particular a questão das quotas para os órgãos de decisão e da administração pública e local, com a participação e liderança das organizações das mulheres ao nível político-institucional e da sociedade civil, cujo principal objetivo prende-se com a necessidade de fazer com que, mesmo os grupos minoritários, não discriminados por lei, mas pela sociedade, que ainda não os aceita totalmente ou não está disposto a dar-lhes as mesmas oportunidades, têm à sua disposição o mesmo leque de escolhas e direitos que os grupos majoritários, dominantes (PNIEG II, 2017, p. 11).

A Lei foi promulgada pelo presidente José Mário Vaz em Dezembro de 2018 e visa aumentar e equilibrar a participação das mulheres guineenses na vida pública e nas esferas de

tomada de decisões, colocando assim o País entre os poucos que adotaram esta medida corretiva, como forma de acelerar os passos para cumprir com as diretrizes gerais globais sobre a igualdade e equidade de géneros.

Capítulo II

Metodologia

Opção Metodológica

Quantas vezes as meninas e mulheres aparecem nas figuras destes livros? Como são nelas representadas? Se realmente estão equitativamente representadas, será que a forma como elas aparecem não são repetições sistemáticas das práticas culturais quotidianas que contribuem para a disseminação e a perpetuação dos preconceitos contra a mulher?

Para responder a estas e outras questões, inicialmente, procedeu-se uma investigação bibliográfica documental cujos conteúdos permitiram a definição clara dos termos, aqui discutidos e cujos autores argumentam segundo critérios previamente estabelecidos. Compreendemos que a análise de conteúdo não pode ser realizada sem considerar o seu contexto sócio histórico, isto porque traz em si os valores e a história social de quem a produziu.

Sendo assim, uma revisão bibliográfica, sobre o tema, poderia enriquecer, ainda mais, o conteúdo deste trabalho, não fosse a ausência de estudos anteriores, sobre esta matéria na Guiné Bissau. Facto esse que dá um certo nível de dificuldade ao que se propõe com esta dissertação, na medida em que não se tem uma base de comparação ou se preferirmos de apoio interno para este trabalho, muito embora, se recorreu aos estudos similares, feitos em outros Países, como base teórico-histórico.

Além da revisão bibliográfica e que demos conta no capítulo anterior, o nosso estudo, para responder às questões levantadas, usou uma metodologia de natureza qualitativa e descritiva (Almeida & Freire, 2000).

Instrumentos de Recolha de Dados

Além da revisão bibliográfica, numa segunda etapa da pesquisa do campo, foram analisados os livros didáticos do primeiro ao sexto anos, do ensino básico, como objeto deste trabalho, a começar pelas imagens internas e externas dos manuais, as falas, as tarefas, profissões e responsabilidades sociais delegadas ao género feminino ao longo das histórias que compõem os Manuais de leitura do primeiro e segundo ciclos do ensino básico.

Os Livros Didáticos do primeiro ao sexto ano do ensino básico usados para este trabalho foram cedidos pela Direção Geral de Ensino Básico, do Ministério da Educação, após a nossa solicitação, com devida explicação sobre o propósito. Nessa altura também se explicou à Sra. Diretora Geral, sobre nosso interesse em fazer uma entrevista semiestruturada com ela sobre o assunto, deste trabalho.

Consideramos a análise de imagens “como exercícios do ver” (Barbero, 2001 p. 38), a partir dessa perspetiva de pesquisa e análise faz-se fundamental realizar reflexões sobre as imagens (externas e internas dos livros), considerando a leitura, interpretação e síntese das questões observadas.

Tal procedimento metodológico exige rigor e empenho, levando em conta a produção e contexto dos textos e imagens analisadas já que a linguagem seja textual ou visual não pode ser considerada como um mero código mecânico, não devendo portanto ser analisada com uma visão mecanicista já que levaria a uma produção discursiva acrítica e limitada.

A importância deste estudo está na utilização do próprio documento enquanto fonte de pesquisa, compreendendo aqui os livros didáticos como um documento ideológico e de extrema importância para qualquer sistema educativo. Sendo assim não basta ter acesso a eles

pois é preciso analisá-los e interpretá-los e despi-los dos dados postos *a priori* para assim compreender e tecer as conclusões necessárias, á luz dos objetivos aqui propostos.

Não menos importante, também é ouvir a opinião dos professores dedicados às disciplinas que compõem o currículo educacional, dos livros didáticos do primeiro e segundo ciclos. Por isso, a terceira etapa consistiu na aplicação de um questionário a 100 professores de primeiro ao sexto ano do ensino básico para aferir suas percepções sobre o tema proposto.

Na quarta fase, com o objetivo de elucidar a metodologia de distribuição dos manuais escolares nacionais, também foi programado e executado uma entrevista semiestruturada com a Diretora Geral do Ensino Básico, órgão do Ministério da Educação Nacional e Ensino Superior que coordena todos os trabalhos relacionados com a política de distribuição gratuita dos Manuais Escolares. A solicitação e a aprovação para a concessão desta entrevista foi feita junto com a solicitação de cedência dos livros didáticos para análise, embora a falta de tempo inerente ao cargo da Diretora, nos obrigou a enviar as questões por email a que a Sra. Diretora respondeu posteriormente.

Ainda nesta fase estava previsto um questionário para o pessoal afeto a esta Direção Geral e também ao pessoal do Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (INDE), que são responsáveis pela elaboração dos manuais nacionais. Todavia, esses questionários não foram aplicados, devido à situação da Pandemia da COVID 19 que fez encerrar todas as atividades laborais e nos impossibilitou de dar continuidade com esta programação.

Instrumentos de Análise de Dados

A metodologia usada foi a qualitativa e descritiva, como antes referimos, baseada na análise documental dos manuais escolares, entrevista semidiretivas e um questionário aplicado a uma amostra de professores.

Além da análise de conteúdo que, conforme Severino (2000), é aquela em que se pretende tratar e analisar as informações textuais constantes no objeto de pesquisa, no caso os livros didáticos, buscando uma compreensão crítica dos conteúdos postos à luz dos objetivos que regem a pesquisa.

A amostra de professores foi feita com base na *amostragem por conveniência*. Em tempos da Pandemia de COVID 19, a opção pelas escolas e professores da cidade de Bissau e arredores, selecionados para fazerem parte da amostra obedeceu critérios não previstos inicialmente, tendo em conta o longo período de confinamento, das restrições de circulação e aglomeração de pessoas, impostas, pelas autoridades sanitárias nacional.

Amostra por conveniência consiste em selecionar uma amostra da população que seja acessível. Portanto, as pessoas que fazem parte deste tipo de amostra, são selecionadas tendo em conta as suas disponibilidade imediata, ou seja, sua prontidão em responder o questionário e não porque elas foram selecionados por meio de um critério estatístico (<https://www.netquest.com/blog/br/blog/>).

De referir que geograficamente o Setor Autónomo de Bissau está intrinsecamente, ligada aos setores de Prábis e de Safim, que fazem parte da região de Biombo. Portanto, alguns professores que responderam a esta pesquisa pertencem a escolas geograficamente, consideradas zonas rurais devido à divisão administrativa do País.

A pesquisa de campo, essencialmente interpretativa, também deu suporte à base documental deste trabalho, utilizando-se de instrumentos de levantamento, registro, coleta, seleção e análise de dados coletados empiricamente junto de 100 Professores de ensino básico, entre os meses de Julho e Setembro de 2020.

O questionário aplicado aos professores continha 3 etapas de perguntas, separados por categorias. A primeira pretendeu conhecer melhor o professor respondente da pesquisa, que mesmo no anonimato foi solicitado a informar o sexo, os anos de experiência, o número de disciplinas lecionadas, etc. Na segunda parte do questionário recolhemos as suas opiniões sobre a representação dos géneros masculino e feminino nos manuais escolares e na terceira, como percebem o uso exagerado ou não de figuras animadas, das figuras do folclore cultural guineense.

O uso do método de conveniência, variou muito a localização geográfica das escolas e dos professores participantes da pesquisa, mas para nós foi uma mais-valia, na medida em que nos permitiu também variar consideravelmente os níveis dos professores participantes, de seus anos de experiência e, conseqüentemente, suas opiniões quanto ao objeto deste estudo.

Outra técnica amostral que se aproxima ao método de conveniência é o chamado *snowball*, que também parte, inicialmente, de um contato para alcançar os demais elementos da amostra, sem que estes sejam previamente selecionados assim como no exercício feito para este trabalho, onde as pessoas selecionada para responder ao questionário, indicam outros participantes da sua lista de contatos de pessoas que se encaixam no critério de “respondentes” da pesquisa.

Snowball sampling is a suitable research method in conflict environments because the introductions through trusted social networks that are at the core of this method can help interviewees to overcome fear and mistrust, which, in turn, ensures access (Julian Kirchherr et al, 2018, p. 5).

Portanto, procurou-se encontrar individualmente professores de ensino básico que pudessem responder a esta pesquisa, através de uma lista de contato pessoal. Cada professor identificado e contatado passa a ser a ponte entre a autora e os demais professores respondentes do questionário. Apesar da forma como foi feita a seleção da amostra para aplicar os questionários, permitiu disseminar mais, variar e diversificar o perfil das escolas e dos respondentes da pesquisa e atingir um grande número de professores que, provavelmente, fora do contexto da COVID 19, ficariam de fora.

In this method, instead of selecting a fixed sample, every subject who meets the criteria is selected until the required sample size is achieved. This method is classified into three types, one of which is snowball sampling. This type of sampling is a nonprobability method, which involves random selection of subjects. This method is most effective when the members of the population are not easily accessible (e.g., homeless people, illegal immigrants, and addicts). The researcher first identifies a group of people, and after gathering data, he/she asks them to recommend similar cases for the study.” (Naderifar M et al, 2017, p. 2).

Assim, conseguiu se atingir o objetivo de inquirir 100 professores. Da forma como foi feita a seleção, a amostra permitiu disseminar mais, variar e diversificar o perfil dos professores e das escolas e ainda atingir um grande número de participantes que, provavelmente, fora do contexto da COVID 19, não estariam no grupo devido às zonas geográficas em que lecionam.

Capítulo III

Apresentação e Análise dos Resultados

Se é verdade a célebre afirmação de Amílcar Lopes Cabral, o líder da nacionalidade guineense, de que “as crianças são as flores da nossa luta e a razão do nosso combate” não se trata, apenas, de valorizá-las como perpetradores do futuro do País, mas também de saber que conhecimentos e exemplos de boas práticas, deixaremos para elas, que serão homens e mulheres de amanhã. Que todo esforço nacional para alcançar os objetivos de um País será em vão se não forem apropriadas, pelos mais pequenos, que vão torna-las sustentáveis a longo prazo, através do entendimento dos ideias e objetivos comuns que, por sua vez passa pela harmonização que a educação dá a uma coletividade, independentemente de ser um País desenvolvido ou não.

Trata-se, sobretudo, de compreender que para atingir o nível esperado de coesão e desenvolvimento, se faz necessário que homens e mulheres, meninos e meninas participem ativamente e que sejam tratados com igualdade e equidade. É nesta perspetiva que se busca, através desta análise, elementos que possam contribuir com o debate nacional sobre a igualdade de género.

Nesta busca, tendo em conta que ainda não há trabalhos anteriores sobre o material didático no país, espera-se que as lições aprendidas com os estudos anteriores, feitos em outros países, possam contribuir para que se dê início às discussões, internas, sobre os conteúdos nacionais dos livros didáticos e à reflexão sobre as diretrizes que se pretende com o sistema educativo nacional.

As conclusões que se esperam deste trabalho não pretendem ser únicas e inquestionáveis e sim, elementos de início de um grande debate que possa contribuir para

melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem na Guiné Bissau e, sobretudo, contribuir para um olhar diferente e permanente observância de aspetos de género e inclusão, nos livros didáticos, onde a questão da representatividade de géneros e inclusão em geral, sejam tão importantes, quanto as histórias neles contadas.

De referir que é através da análise transversal da igualdade e equidade de género que, medidas corretivas poderão ser usadas para diminuir a distância social, entre meninos e meninas, homens e mulheres, causadas por incontáveis séculos de história e atitudes que, além aprofundar as desigualdades, ainda contribuem para o aprofundamento e perpetuação da pobreza e todos os seus efeitos, na vida dos indivíduos.

Nessa ordem de ideias, pretende-se que os resultados deste trabalho seja vista não como a última palavra, em questão de Igualdade de Género e Educação, na Guiné Bissau mas, como um ponto de partida para fóruns e ideias que possam contribuir para uma abordagem transversal de género que possa contribuir para a tão globalmente sonhada, igualdade e equidade de género.

Tenho a impressão de que a grande disparidade entre meninos e meninas, homens e mulher que se verifica na Guiné Bissau, pode ser fruto da perpetuação de atitudes e práticas culturais, passados de geração a geração e que, também podem ser transmitidos sutilmente nos livros didáticos contribuindo para aumentar ainda mais, as diferenças entre os géneros, no País.

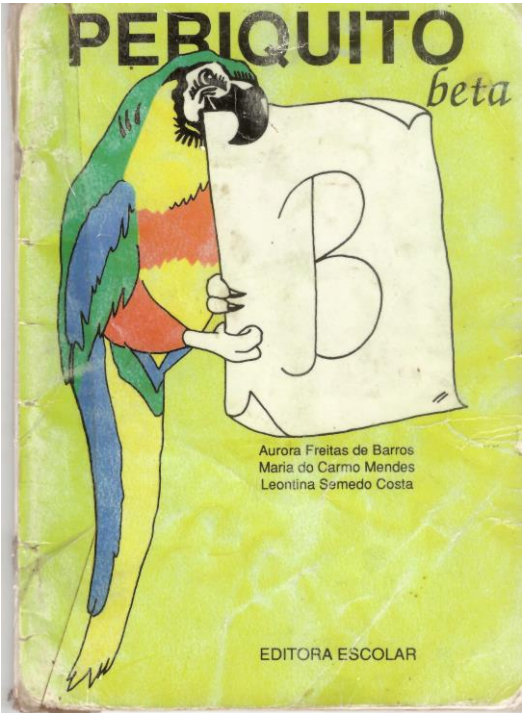
O alto índice de analfabetismo nacional, associado a uma escola que, inconscientemente, apresenta mulheres como o género menos favorecido em diferentes aspetos da vida social, podem perpetuar ainda mais as diferenças milenares, entre homens e mulheres e invalidar todos os esforços, nacionais que se alinham aos objetivos globais, em relação a igualdade e equidade de géneros.

Resultado 1. Análise das Capas dos Livros Didáticos do 1º ao 6º anos

Apresentamos neste capítulo, o resultado das análises feitas às capas, às imagens internas e as histórias contadas no livro didáticos. Portanto, no Quadro 9 apresentamos a análise da capa do livro didático do primeiro ano.

Quadro 9

Descrição dos elementos da capa de um livro do 1.º ano

Objeto de Análise	CAPA: Descrição do Conteúdo	
Livro de Leitura	Um periquito a segurar (com o bico e pata) uma folha com a letra B	
Caderno de Exercício	Um periquito a segurar (com o bico e pata) uma folha com a letra A	
Matemática	O livro intitulado “Conta Comigo” apresenta na capa, uma mão fazendo sinal de OK	

Não aplicável para análise de gênero

No Quadro 10 apresentamos a análise da capa do livro didático do segundo ano

Quadro 10

Descrição dos elementos da capa de um livro do 2.º ano

Objeto de Análise	CAPA: Descrição do Conteúdo	
Livro de Leitura: Viva a Leitura	Um quadro de foto, com imagem de 22 crianças (8 meninas / 14 meninos), uma menina a segurar o livro	
Caderno de Exercício: Viva a Leitura		
Ciências Naturais & Sociais: O Meu Ambiente	Três quadros de fotografias: uma Cabra, uma mulher a socar/pilar num pilão em casa e uma floresta de palmeiras	
Matemática	Duas crianças (uma menina e um menino) bem vestidos e aparentemente felizes. O menino a usar uma camisola com o nº 2	

A identificação de género nesta capa em especial mostrou se de certa forma difícil, na medida em que os aspetos físicos e visuais que nos facilitariam a identificação, tais como cabelos longos, vestidos, brincos, etc. estão escondidos. Contudo, numa análise minuciosa,

percebe-se que elas usam tranças rasteiras que nos permitiu identifica-las. Assim, constatou-se que são 36% de meninas e 64% de meninos, ou seja, 8 meninas e 14 meninos.

Pode-se dizer que a representatividade não é igual, de meninos e meninas, mas também as meninas não foram apresentadas, como figuras secundárias, ademais, uma menina aparece a segurar um livro aberto. Aqui a mulher foi apresentada no seu estereótipo habitual, a socar qualquer coisa (arroz, amendoim, etc.), atividade que faz parte da vida de qualquer mulher nas zonas rurais. Mesmo com a introdução das máquinas de descasque de arroz, nas comunidades, esta ainda continua a ser uma prática diária na vida da maioria das mulheres rurais.

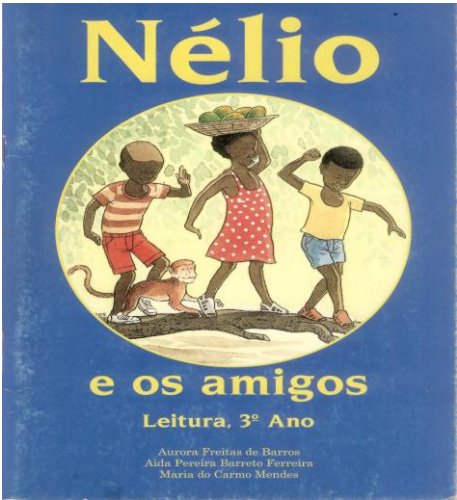
Os dois géneros foram bem representados na capa do livro de matemática do segundo ano. Um menino e uma menina, ambos bem vestidos e felizes. O que chama atenção aqui é a camisola do menino que tem como imagem o número 2, em grande escala. Entende-se que isso é algo normal, já que cada um é livre para se vestir com roupas, logos e imagens de diferentes tamanhos e confissões religiosas.

No Quadro 11 apresentamos a análise da capa do livro didático do terceiro ano

Quadro 11

Descrição dos elementos da capa de um livro do 3.º ano

Objeto de Análise	CAPA: Descrição do Conteúdo	
Livro de Leitura: Nélio e os Amigos	Um círculo, com imagem de 3 crianças (2 meninos e 1 menina) e um macaco a andarem num tronco de árvore caído. Todos a	
Caderno de Exercício: Nélio e os Amigos		

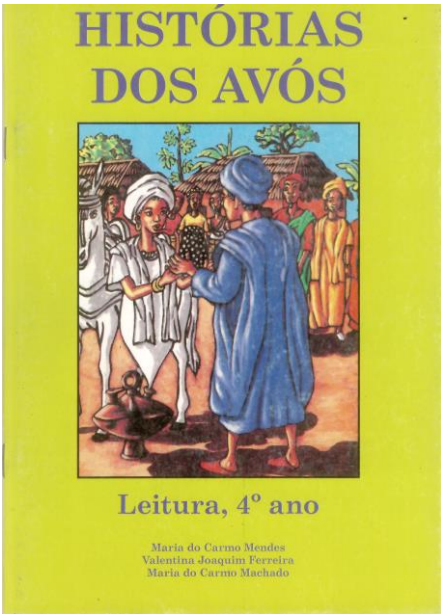
	brincarem, mas a menina carrega uma cesta com mangas	
Ciências Naturais & Sociais: A Nossa Vida	Uma moldura com imagens da variedade de frutas, verduras, frutos silvestres e animais do País	
Matemática: O Pelicano	Imagem de um Pelicano com boca entre aberta. Vários números dentro da boca e 10 número a caírem da sua boca	

Neste livro podemos detalhar, apenas, 33% de representatividade feminina além de que, o momento retratado é de brincadeira, entre crianças da mesma idade e um macaco. Realmente não se vê a necessidade da menina ter sido apresentada com uma cesta de manga a cabeça, como se estivesse a vendê-las. Aliás, diga se de passagem que vender é uma das atividades geradoras de rendimento que mais utiliza a mão de obra infantil, na Guiné-Bissau.

No Quadro 12 apresentamos a análise da capa do livro didático do quarto ano

Quadro 12

Descrição dos elementos da capa de um livro do 4.º ano

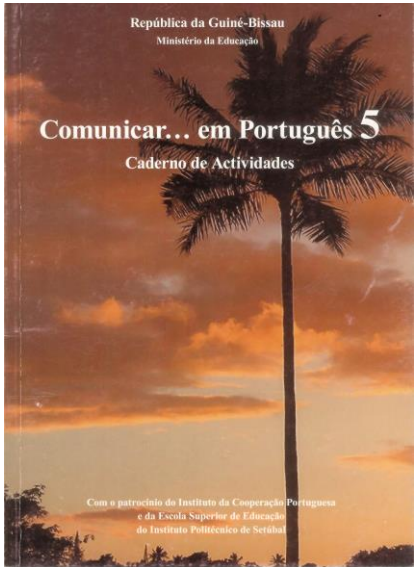
Objeto de Análise	CAPA: Descrição do Conteúdo	
Livro de Leitura: histórias dos Avôs	Um quadro de foto de uma cerimónia de casamento, que tem como foco, a troca de aliança entre os noivos. A noiva, vestida de branco e sem pernas, sai de uma moringa (púcaro).	
Caderno de Exercício: histórias dos Avôs	Em volta deles, alguns espetadores 6 pessoas (2 mulheres e 4 homens).	
Ciências Naturais & Sociais: A Nossa Vida	Uma moldura com imagens com a variedade de frutos de mar da Guiné Bissau e um mosquito	
Matemática: O Pelicano	Um Pelicano, visivelmente feliz, fazendo malabarismos com as 6 figuras geométricas	

A imagem é referente a “Menina do Moringue” uma das histórias apresentadas neste livro. Neste caso a menina nasce e sempre viveu dentro de uma moringa e só aparece ao público no momento do casamento. Uma história criativa que, provavelmente, mexe muito com o imaginário de quem o lê, mas que não faz parte da tradição guineense.

No Quadro 13 apresentamos a análise da capa do livro didático do quinto ano.

Quadro 13

Descrição dos elementos da capa de um livro do 5.º ano

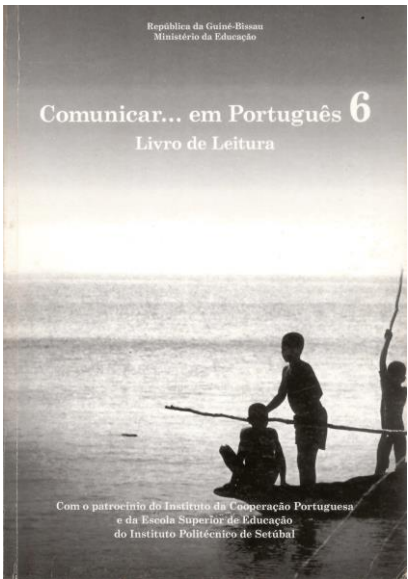
Objeto de Análise	CAPA: Descrição do Conteúdo	
Livro de Leitura: Comunicar em Português 5	Imagem de uma palmeira imponente, ao por de sol	
Caderno de Exercício: Comunicar em Português		
Ciências Sociais: Ao Encontro da Vida	Um quadro com imagem da rica diversidade da fauna guineense	
Matemática	Imagem de castanhas de caju	

Não aplicável para análise de género

No Quadro 14 apresentamos a análise da capa do livro didático do sexto ano

Quadro 14

Descrição dos elementos da capa de um livro do 6.º ano

Objeto de Análise	CAPA: Descrição do Conteúdo	
Livro de leitura: Comunicar em Português 6	Imagem de 3 meninos (100%) numa canoa no mar, aparentemente a pescarem.	
Ciências Sociais: O Tempo e a história	<p>Um quadro de fotografia, com imagem um homem europeu com chicote na mão, ao lado dele três homens nativos, cabisbaixos, com cordas no pescoço e braços amarrados às costas. Ao fundo, um navio negreiro, aparentemente pronto para receber os escravos (6 escravos), que aparecem numa canoa que, ao que tudo indica, teria pago os escravos a beira-mar para transportar para o navio negreiro.</p> <p>Numa imagem menor (em círculo), três outros escravos com as mãos e os pés atados, são chicoteados por um europeu colonizador</p>	
Matemática	16 potes de barro expostos, aparentemente, para venda. Os potes ainda são usados, nas zonas rurais onde não tem energia elétrica e frigoríficos,	

	como a melhor opção para manter e conservar limpa água para a família beber	
--	---	--

Imagem de três meninos (100%) numa canoa no mar, aparentemente a pescarem.

Contudo, o trabalho das mulheres balantas foi valorizado no livro de matemática. O pote ainda é um símbolo feminino em várias culturas, onde é usado para coleta e provisionamento de água potável para as famílias. O simbolismo que carrega, vem dos primórdios da divisão social de trabalho e traz consigo toda a essência do que, realmente, é feminino. Ainda que um homem vá buscar água (para apoiar, porque o poço é longe, ou por N outras razões), cabe a mulher a higiene e tratamento do pote para receber o líquido.

No Quadro 15 apresentamos o resumo da representação de géneros, nas capas dos livros didáticos, de primeiro ao sexto ano do ensino básico.

Quadro 15

Resumo da representatividade de géneros nas capas dos livros didáticos, de primeiro ao sexto ano

Tabela Indicativa de Género nas Capas						
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
Mulheres		X	X	X		
Homens		X	X	X		X
Outros	X				X	

Em geral, pode-se afirmar que as capas dos livros didáticos do 1º ao 6º ano do ensino básico da Guiné Bissau, apresentam um relativo balanço de géneros. Apesar da disparidade observada na capa do livro de leitura do sexto ano, três deles (2.º, 3.º e 4.º anos), apresentam ambos os géneros nas capas, pois os livros de leitura de primeiro e quinto anos apresentam imagens de animais e ou natureza em suas capas.

Estas capas refletem a vivência sociocultural das diversas culturas étnicas no País, realçando a grande ligação entre o homem e a natureza. O mar, a fauna, a flora e o homem estão representados de forma harmoniosa, dando a perceber o vínculo entre o homem e os outros seres da natureza. Tanto nas brincadeiras infantis, nas celebrações tradicionais, quanto no trabalho do homem em busca de alimentos, percebe-se essa sintonia.

O grande número de crianças nas capas é compreensível, tendo em conta o grupo alvo dos manuais escolares, cuja idade varia entre de 6 a 12 anos, muito embora possamos encontrar, na realidade, alunos que entram com idade superior à idade mínima exigida e que, consequentemente, vão permanecer no ensino básico com idade superior aos 12 anos.

Resultado 2. Análise de Conteúdo dos Livros Didáticos de 1º ao 6º ano

No Quadro 16 apresentamos o resumo da representação de gêneros, nos personagens principais dos textos e histórias, dos livros didáticos, de primeiro ao sexto ano do ensino básico

Quadro 16

Da representatividade de gênero nos personagens principais das histórias

	Frequência de Personagens Principais nos Textos por Sexo nos livros de leitura											
	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		5º ano		6º ano	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Mulheres	7	43.80%	10	25.60%	1	3.30%	11	52.40%	6	13.30%	2	3.00%
Homens	6	37.50%	20	51.30%	12	40.00%	2	9.50%	14	31.10%	13	19.40%
Juntos	2	12.50%	2	5.10%	0	0.00%	0	0.00%	5	11.10%	1	1.50%
Outros	1	6.30%	7	17.90%	17	56.70%	8	38.10%	20	44.40%	51	76.10%
	16	100.00%	39	100.00%	30	100.00%	21	100.00%	45	100.00%	67	100.00%

O livro de leitura do primeiro ano apresenta na sua maioria mulheres e meninas (43.8%) e 37.5% de homens, como personagens principais das histórias. Ele propõe poucos textos para os pequenos, contudo traz inúmeras junções de palavras em rimas com exercícios que incentivam a separação das sílabas. As letras do alfabeto, foram apresentados gradualmente, sugerindo palavras escritas com cada uma delas, dando assim o suporte metodológico, para o aprendizado.

O uso exagerado de rimas fez com que as frases pareçam sem sentido para a idade letiva a que foi proposto, o que também não nos dá a possibilidade de fazer uma análise dos textos e frases com vista a depurar, através delas, a sensibilidade de gênero.

Apesar de não se condenar aqui o uso de rimas, sugere-se que poderiam ser trabalhadas de forma a criar frases lógicas e que fizessem sentido para que os pequenos alunos, recém-saídos de casa, possam começar a formar frases mais consistentes em suas falas.

Na figura 1 apresentamos alguns exemplos das imagens representativa das mulheres, no livro de leitura do primeiro ano.



Fonte: Imagens retiradas do livro de leitura do primeiro ano

Figura 1. Imagens representativa das mulheres, no livro de leitura do primeiro a

Os poucos textos apresentados, normalmente sem títulos, remetem sempre a palavra e as imagens da mulher como mãe, fato esse que elevou a representatividade feminina, neste livro especificamente. É compreensível o esforço dos autores para manter a ligação mãe-filhos nessa fase educativa, entretanto poderia se fazer com imagens e palavras que

sugerem uma nova abordagem de género, mesmo que estes sejam copiados de outras sociedades em que as relações de géneros são consideradas mais homogêneas e igualitárias. Ao analisar as imagens internas que ilustram os textos, constata-se que as mulheres aparecem, muitas vezes, em seus estereótipos como zeladoras do lar e dos filhos, sempre acompanhadas dos objetos e utensílios domésticos, cujo uso tradicional é das mulheres.

Os exercícios indicados no livro do primeiro ano são adequados para as crianças de 6.º e 7.º anos que, normalmente, frequentam esta série sem ter passado pelo Jardim-de-Infância. Pois, se a criança tiver passado por um Jardim de Infância, encontrará exercícios que, talvez, não acrescente muito ao aprendizado do alfabeto e outras evoluções temáticas, que já experienciou anteriormente. Mas reconhece-se que a maioria das crianças, sobretudo nas zonas rurais, não passam pela experiência de Jardim-de-Infância.

Na figura 2 apresentamos a frequência de géneros nos personagens principais das histórias contadas nos livros didáticos, de primeiro ao sexto ano do ensino básico

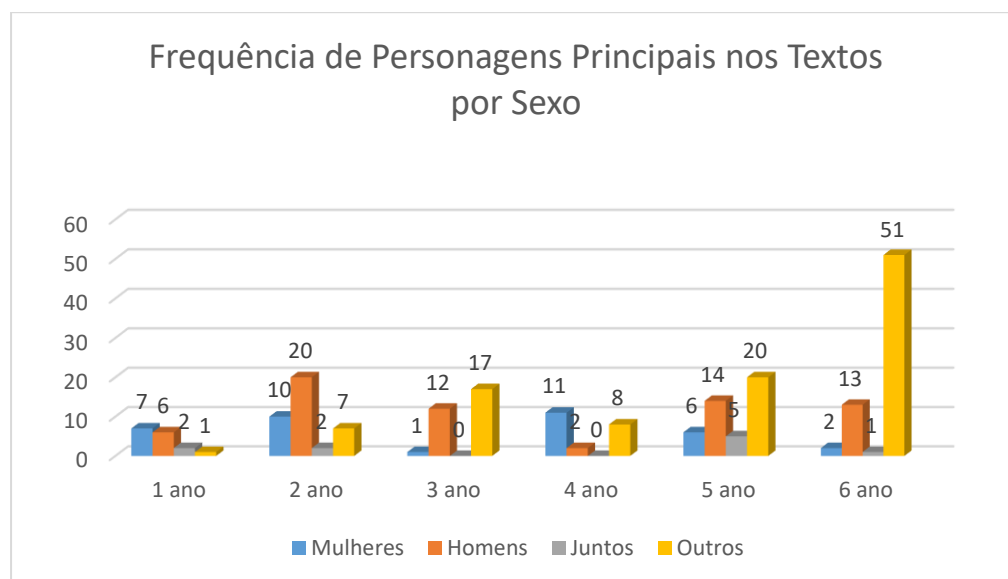


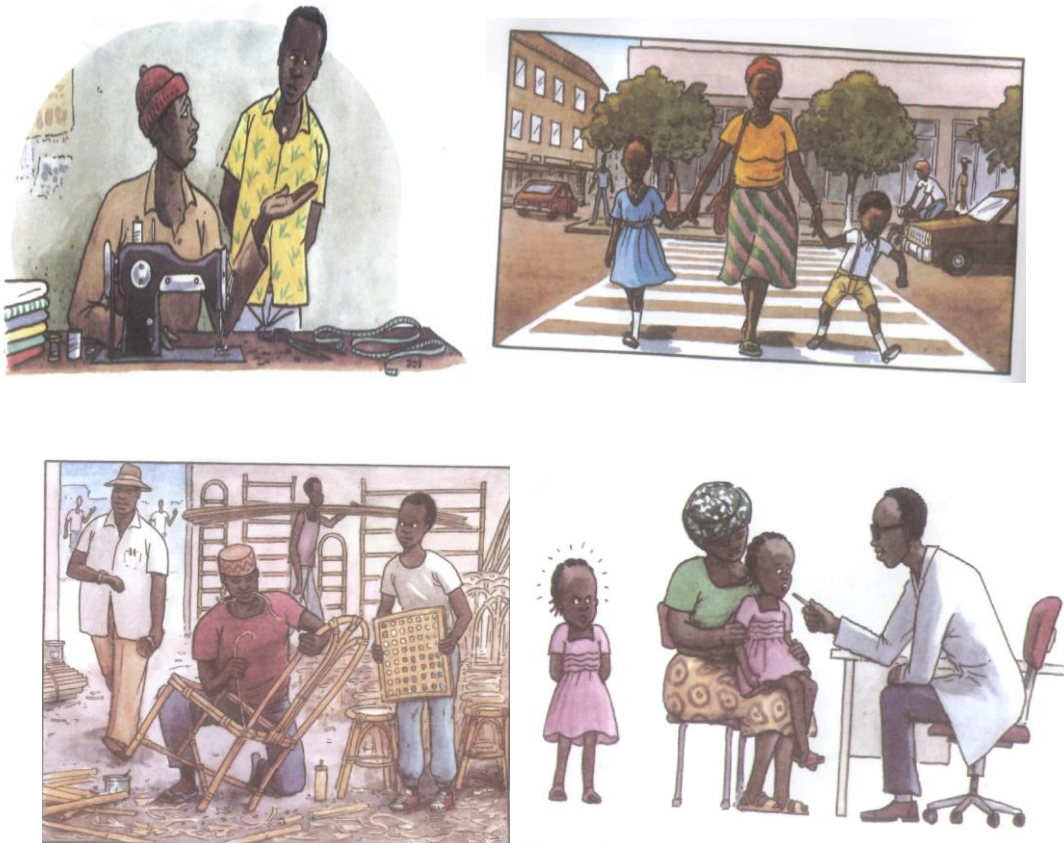
Figura 2. Da representatividade de género nos personagens principais das histórias

No segundo ano os homens levam vantagem com 51.3% versus 25.6% de mulheres. Tendo um maior número de personagens masculinos, eles foram apresentados em suas funções laborais e as mulheres em suas responsabilidades sociais de mães, tias, avós, etc. reproduzindo, apenas, os estereótipos socioculturais ligados a cada género.

Aqui, mais uma vez, os autores perderam a oportunidade de propor, aos pequenos, novas formas de ver e pensar as relações de género, através de um aprendizado precoce em que, os livros didáticos poderiam assumir a função de espelho, para a sociedade, que vai apresentar de maneira simples e pedagógica, novas formas de pensar e agir, com base numa proposta relativamente uniformizada, de outras formas de relações sociais igualitárias entre homens, mulheres, meninos e meninas, como mostrou Bitterncourt, ao afirma que o livro didático “...possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas”, e para a sua elaboração e uso existem muitas interferências [...] constitui também um suporte de conhecimentos escolares propostos para currículos educacionais. Essa característica faz com que o Estado esteja sempre presente na existência do livro didático. (2008, p. 301)

Na figura 3 apresentamos alguns exemplos das imagens representativa das profissões, por género, no livro de leitura do segundo ano.

Figura 3. Imagens representativa das profissões, por gênero, no livro de leitura do segundo ano



Fonte: Imagens retiradas do livro de leitura do segundo ano

A dicotomia meninos/meninas também funcionou melhor do que a dicotomia homens/mulheres, pois as crianças são apresentadas em brincadeiras diversas, sem distinção de sexo, enquanto homens e mulheres são representadas em situações que reforçam os estereótipos dos papéis sociais a eles destinados, contribuindo para acentuar ainda mais os preconceitos que cada um destes papéis carregam.

No Quadro 17 apresentamos a lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do segundo ano, do ensino básico.

Quadro 17

Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do segundo ano

Descrição do Conteúdo / 2º ano
1 - Beira Mar
2 - A Arvore da Irtana
3 - O Animal do Raul
4 - O Dias da Corrida
5 - A Pesca
6 - O Menino Vaidoso
7 - A Passear
8 - A Festa da Colheita
9 - O Gatinho Maroto
10 - O Vento
11 - A Cecilia e o Ciro
12 - A Conceicao e o Baloico
13 - A Cultura de N`pampam
14 - A Cana de Bambu
15 - As Gemeas
16 - A Festa do Miguel
17 - A Menina do Cuscuz
18 - Os Pequenos Cantores
19 - O Boneco de Plastico
20 - O Atletismo
21 - Na Escola do Clode
22 - O Glutao
23 - Todos Gostam de Cacre
24 - Domingo em Prabis
25 - A Oferta do Pedro
26 - A Grande Trovoad
27 - Adulai, o Vendedor
28 - O Nosso Livro
29 - Mãe

Quanto aos assuntos propostos, considera-se que houve uma boa ligação dos temas na passagem entre o primeiro e o segundo ano pois o livro mantém o esquema de aprendizado com rimas e separação das sílabas, embora já com textos mais elaborados, levando o aluno a conhecer histórias de pessoas e animais, contadas nos moldes da cultura tradicional e oral guineense, com muitas astúcias e peripécias dos personagens.

Nesta série também os pequenos são levados a aprender a escrever os nomes, de objetos do dia-a-dia e a refletir, através dos exercícios propostos, sobre suas utilidades.

Na figura 4 apresentamos a Representatividade do género feminino como personagens principais das histórias contadas nos livros didáticos de leitura do primeiro ao sexto ano, do ensino básico.

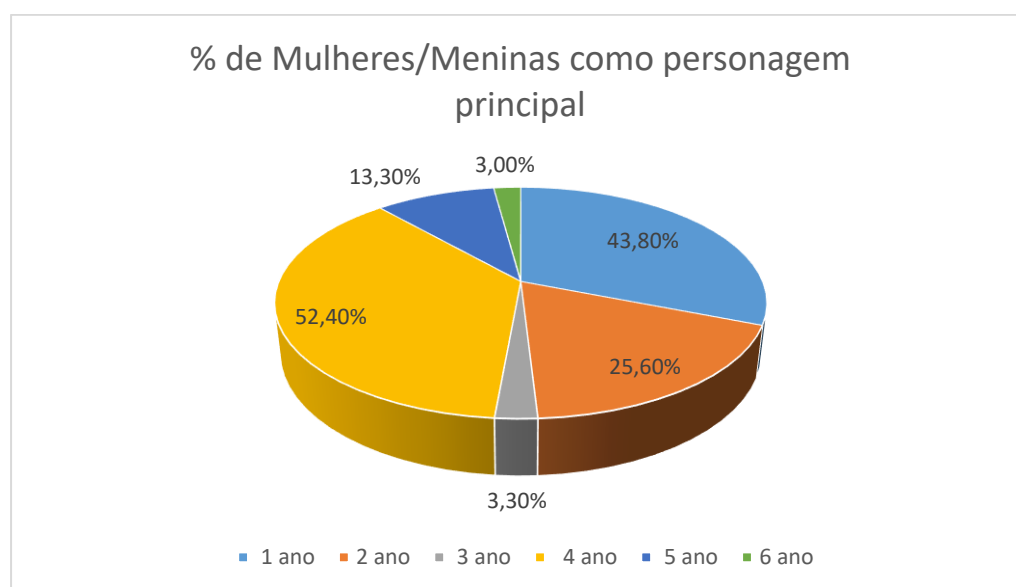


Figura 4. Da representatividade de género nos personagens principais das histórias.

No terceiro ano nota-se um grande privilégio para a natureza e outros aspetos geográficos e ou étnico/cultural do País (56.7%), em detrimento das personagens humanas que somam juntos 43.3%, sendo homens representados em 40% das histórias e as mulheres em 3.3%. Trata-se de um livro muito bem estruturado, com textos bem elaborados e compreensíveis para a idade letiva a que se propõe.

Percebe-se que, apesar do domínio da natureza e objetos, a frequência masculina supera consideravelmente a das mulheres e meninas, efetivando não só a baixa representatividade destas, como também a confirmação de que os livros didáticos nacionais apenas reproduzem as visões socioculturais nacionais sem, no entanto, buscar

outras formas de representatividade e identidade de géneros, que poderiam trazer evidências sobre a participação das mulheres, de que nos fala Sen (2005), um dos autores abordados nos Referenciais Teóricos deste trabalho.

Constata-se que o livro se inicia dando continuidade à evolução temática do ano anterior, trazendo noção de higiene, de preservação ambiental, de respeito ao próximo e apresenta as tradições e sabedorias populares guineenses, através das histórias do folclore nacional.

No Quadro 18 apresentamos a lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do terceiro ano, do ensino básico.

Quadro 18

Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do terceiro ano

Descrição do Conteúdo / 3º ano
NÉLIO E OS AMIGOS
1 - O primeiro dia de aula
2 - Qual é a palavra?
3 - O meu cãozinho
4 - A rainha das tartarugas
5 - A bola de meia
6 - A esperteza do ratinho
7 - Os filhos da senhora semana
8 - O sapo to-ron-ton-ton
9 - Uma família trabalhadora
10 - Somos todos importantes
11 - O Bijú desdentado
12 - O velho avarento
13 - O prémio da esperteza
14 - O alfaiate vaidoso
15 - As máscaras
16 - Djafal é o meu nome
17 - A cabra-cega
18 - Quem vale mais
19 - O lobo e a vaca
20 - O professor sabichão
21 - O aniversário do camaleão
22 - Uma gota de água
23 - "Pode-bem"
24 - A cigarra e a formiga
25 - A morte das árvores
26 - O dia da árvore
27 - Canção da árvore
28 - Menino Africano
29 - Um nome, uma lenda
30 - Minha terra

O livro de leitura apresenta um personagem principal, que aparece na maioria das histórias, proporcionando uma evolução com temas também adequados. A presença do

Nélio, ao longo do livro, é muito positiva na medida em que facilita o aluno a entender melhor a história e até a considerar esse personagem como um amigo.

No final do livro apresenta-se uma lista de vocabulário que contém palavras trabalhadas ao longo do livro, que se supõe de difícil compreensão para os alunos. Uma abordagem interessante, tendo em conta que não há bibliotecas e o acesso a dicionários também não é fácil.

Na figura 5 apresentamos as tendências de personagens, por categorias, como personagens nos livros didáticos de leitura do primeiro ao sexto ano, do ensino básico.

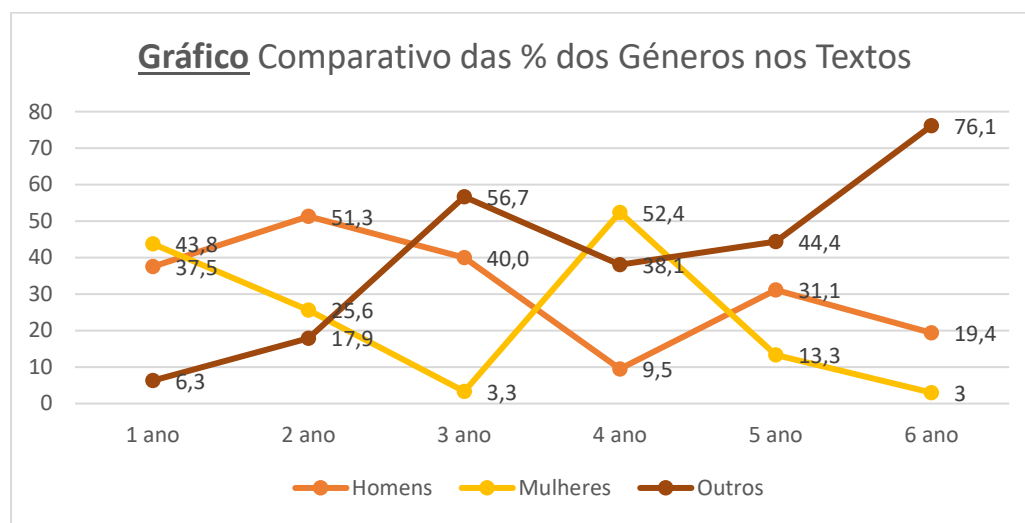


Figura 5. Tendências de personagens, por categoria, nos livros de leitura do primeiro a sexto ano

No quarto ano encontramos a prevalência de personagens do sexo feminino (52.%) versus 9.5% de homens. Contudo, ressalta-se mais uma vez a tendência de valorização do aspetos importantes da natureza tropical do País (38.1%).

Este livro tem uma boa apresentação e organização, com temas adequados. A exemplo do terceiro ano, também apresenta uma personagem principal, a Benê, uma

menina curiosa que guia os coleguinhas numa viagem entre a capital Bissau e Binar, uma vila do interior, onde ela passa a ouvir várias histórias do folclore cultural nacional e assiste a uma celebração tradicional, antes de fazer o percurso de volta a Bissau.

Nota-se, no livro do terceiro ano, a ausência de temas baseados no conhecimento científico, pois 90% dos textos apresentam histórias de crenças populares e do senso comum, que a meu ver também não contribuem para melhorar o quadro geral sobre os comportamentos que ainda afetam negativamente, a relação de género, no País.

No Quadro 19 apresentamos a lista de títulos das histórias propostas no livro de leitura do quarto ano do ensino básico.

Quadro 19

Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do quarto ano

Descrição do Conteúdo / 4º ano
21 HISTÓRIAS DOS AVÓS 1 - Benê a Curiosa 2 - A Passagem de Classe 3 - Rumo a Binar 4 - A Casa dos Avós 5 - A Noite de Luar 6 - A Esperteza da Lebre 7 - A Tchoca Espertalhona 8 - A Alegria da Benê 9 - O manguço e a Lebre 10 - A Vingança do Djugudé 11 - As Histórias do Avo Tiago 12 - O Cão e o Gato 13 - Os Ovos da Giboia 14 - Uma Noite Diferente 15 - O Prémio de Petabe 16 - Nen Tudo que Brilha é Ouro 17 - Nhara Siquido 18 - O Pedido de Fausto 19 - A Menina do Moringo 20 - A Última Noite em Binar 21 - De novo em Casa

O conhecimento empírico científico, ao contrário do saber popular que muita das vezes é inexato, carregado de subjetividades e dogmas, propicia um aprendizado real, factual e inspira mais a reflexão dos alunos, sobretudo para este nível de ensino. Uma lista de verbos e vocabulários são apresentados no final do livro, a exemplo do livro do terceiro ano, numa abordagem positiva, ao nosso ver.

A figura 6 apresenta a tendência de personagens, por categorias, como personagens nos livros didáticos de leitura do primeiro ciclo, ou seja, do primeiro ao quarto anos, do ensino básico.

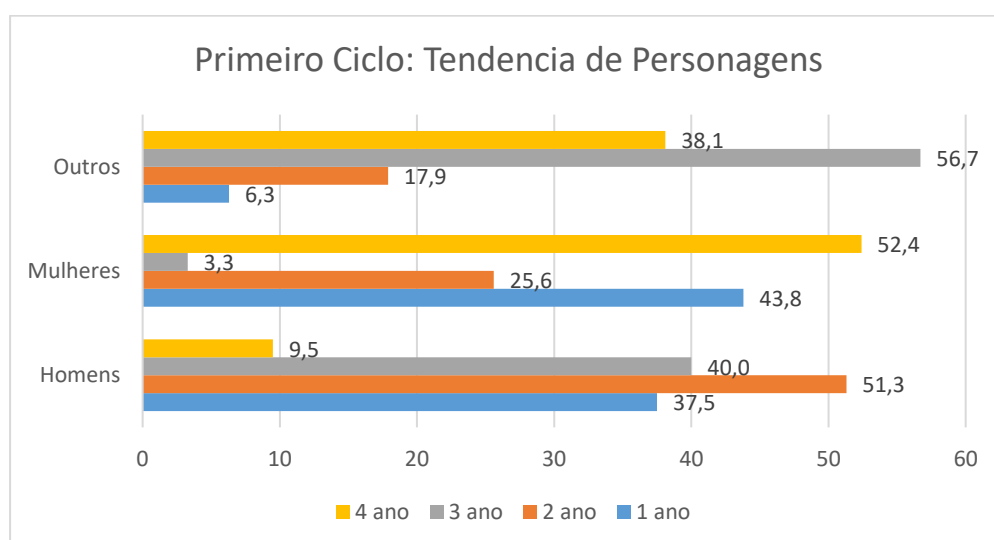


Figura 6. Tendências de personagens, por categoria, nos livros de leitura do primeiro ciclo

No quinto ano de escolaridade o livro de leitura apresenta 44.4% de textos relacionados á natureza, geografia e ou cultura das diferentes etnias guineenses, enquanto reserva apenas 31.1% aos personagens homens e 13.3% às mulher. É compreensível a diminuição dos personagens humanos a partir desta série, contudo, percebe uma regressão, em termos de temas apresentados aos alunos do quinto ano, como mostra a tabela abaixo.

No Quadro 20 apresentamos a lista de títulos das histórias propostas no livro de leitura do quinto ano do ensino básico.

Quadro 20

Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do quinto ano

Descrição do Conteúdo / 5º ano
TEMA 1: Onde Vivo TEMA 2: Eu e o Mundo que me Rodeia TEMA 3: A Profissão que eu Quero TEMA 4: O que eu Gosto de Fazer TEMA 5: Os Jogos que eu Conheço TEMA 6: Vou as Compras TEMA 7: Vou aos Correios

Apesar de bem estruturado, com sete subcapítulos, dois deles são “o que gosto de fazer” e “os jogos que eu conheço”. São capítulos inteiramente dedicados às brincadeiras e jogos que seriam bem apresentados no segundo e terceiro anos.

O primeiro capítulo “onde eu vivo” começa com a proposta de estudo do continente africano, a Guiné Bissau e a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Contudo, o faz apresentando dois poemas, um sobre a África e um sobre a Guiné Bissau, e termina com um texto sobre a CPLP. São poemas interessantes mas que, pedagogicamente, não fornecem aos alunos informações sobre a África e a Guiné Bissau. A sugestão de exercícios, para aprofundamento desses conhecimentos, mas deve se lembrar que a maioria das escolas, do País, não possuem bibliotecas e até recentemente o acesso a internet era nulo, até para os alunos das escolas privadas.

A figura 7 apresenta a tendência de tipos de personagens, por categorias, nos livros didáticos de leitura do segundo ciclo, ou seja, do quinto e sexto anos, do ensino básico.

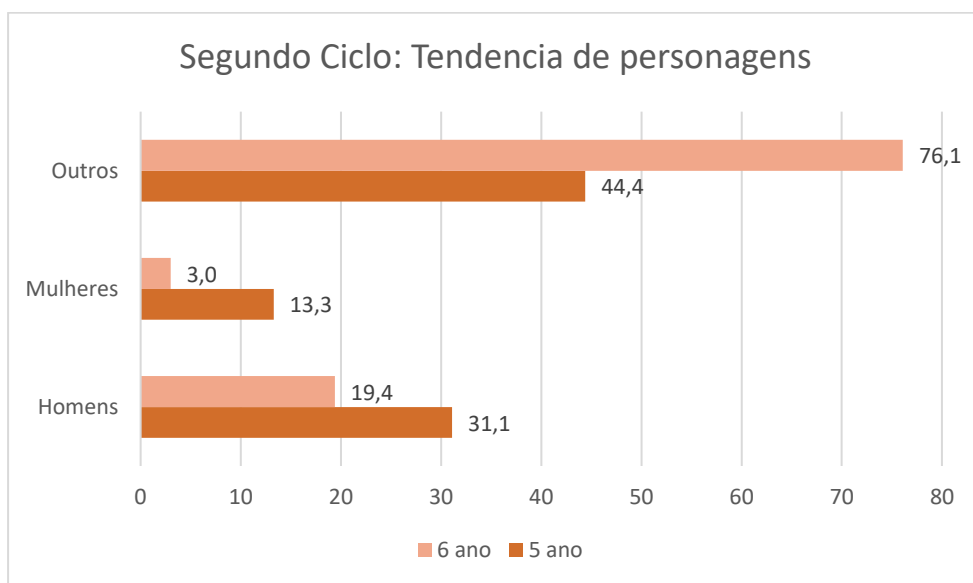


Figura 7. Tendências de personagens, por categorias, nos livros de leitura do segundo ciclo

Já no sexto ano, é notável e compreensível o domínio de histórias que exaltam a história, a cultura, a geografia e a política nacional. Estas surgem em 76.1% das histórias lidas pelos alunos desta série, deixando 19.4% para os personagens masculinos e 3% para os femininos.

No Quadro 21 apresentamos a lista de títulos das histórias propostas no livro de leitura do sexto ano do ensino básico.

Quadro 21

Lista de títulos das histórias propostas, no livro de leitura do sexto ano

Descrição do Conteúdo / 6º ano
TEMA 1: Vamos Viajar no Tempo TEMA 2: O Homem faz a Historia TEMA 3: Vamos Conhecer a nossa Terra TEMA 4: Vamos Cuidar da nossa Terra TEMA 5: Vamos Conhecer nosso Pais

No geral, pode se dizer que, embora haja a prevalência de personagens de géneros masculinos ou femininos, nos seis níveis de escolaridade analisados, nota-se que há predominância de personagens de género masculino nos livros didáticos nacionais. Outrossim, se somadas as presenças de personagens masculinos e femininos e as vezes em que ambos aparecem juntos (11.1%), teremos um total de 55.5% de personagens humanas (de géneros).

De outra forma, se analisados por ciclos, podemos constatar que há uma tendência de diminuição dos personagens humanos nos textos didáticos de leitura, á medida que as crianças evoluem, nos níveis escolares. O foco das histórias apresentadas nos textos mudam, dando lugar a temas com relevância histórica, geográfica e de natureza, em detrimento de personagens humanos, como mostra o gráfico 3.

Existe uma prevalência de personagens principais humanos no 2,3,5 e 6 anos, (51.3%, 40%, 31.1% e 19.4%), respetivamente. Se somados, as presenças dos personagens masculinos nas histórias lidas, em todas as séries do ensino básico guineense, teremos uma prevalência de 31.46% em detrimento de 23.56% de presença de mulheres e meninas, como personagens principais.

Em geral, embora meninos e meninas estão representadas interagindo com outras em brincadeiras de suas eles estão apresentadas nos seus ambientes e brincadeiras identificados como de um ou outro sexo (meninos jogando, correndo e meninas nas tarefas socialmente associados a elas), enquanto as mulheres ainda continuam em seus papéis sociais o que sugere que os livros didáticos guineenses, apenas reproduzem as experiências práticas e socioculturais das diferentes culturas e etnias guineense e pouco contribuem para reduzir as desigualdades, de género, entre homens, mulheres, meninos e meninas, na Guiné Bissau.

No quadro 22 apresentamos a relação de género referente as profissões citadas em todos os livros didáticos de leitura do ensino básico.

Quadro 22

Das Profissões Apresentadas vs Géneros nos Livros Didáticos

##	Profissões Associadas aos Géneros	
	Homens	Mulheres
1	Oleiro	Costureira
2	Jornalista	Lavadeira
3	Varredor de Rua	Horticultora
4	Padeiro	Músico/Cantor
5	Alfaiate	Apanhadora de Cacre**
6	Sapateiro	Professora
7	Pescador	* Tocador de Tambor **Siri... Marisco, espécie de caranguejo
8	Pastor de Ovelhas	
9	Professor	
10	Taxista	
11	Astronauta	
12	Artesão	
13	Médico	
14	Músico/Cantor	
15	Atleta	
16	Confeiteiro	
17	Agricultor	
18	Vendedor	
19	Djidiu*	
20	Guarda	

Apesar da lista muito reduzida em termos de profissões possíveis de serem apresentadas, há ainda um número muito menor destinado ao género feminino. Das 23 profissões identificadas nos livros didáticos, apenas 06 (26%) foram atribuídas às personagens femininas, ao longo das histórias, apresentadas nos livros didáticos de leitura, de primeiro ao sexto ano, do ensino básico da Guiné-Bissau;

Enquanto os homens estão representados em 20 profissões, exigentes tecnicamente, tais como Astronauta, Jornalista, Médico, etc. As mulheres ficam reduzidas a apenas 06 profissões as quais não exigem, necessariamente, alguma formação específica para seu

exercício, tais como Horticultora, apanhadora de caranguejos, Lavadeira, Costureira, Músico e Professora. Destas seis profissões, quatro podem ser encontradas também, relacionadas ao sexo masculino (Costureira/Alfaiate, Horticultora/Agricultor, Professor /Professora e Músico).

As outras duas ocupações (Lavadeira e Apanhadora de caranguejo) foram ligadas, apenas, a personagens femininos embora, culturalmente, esta última seja exercida por ambos os sexos. As mulheres normalmente são identificadas, apenas, nas suas funções sociais, como mãe, tia, avó, etc. Esta forma de representatividade, não contribui para fidelizar a presença delas no ensino básico e diminui a possibilidade de igualdade de géneros. Vale ressaltar que a profissão de lavadeira é praticada culturalmente, apenas, por mulheres.

As cores vivas usadas, sobretudo nos livros de leitura do primeiro ciclo, ou seja, do primeiro ao quarto ano, dão um toque natural aos objetos e às paisagens apresentados, provavelmente com objetivo de captar a atenção dos pequenos. Os tamanhos e as fontes das letras usadas para cada repertório de história, foram adequados às idades letivas para que foram propostos.

Resultado 3. Análise das Respostas aos Questionários e à Entrevista

Perfil dos professores respondentes.

Inicialmente, estava previsto aplicar o questionário, apenas numa escola, que seja relativamente, no centro da cidade de Bissau e que seja do Ensino Básico Unificado (EBU) por trabalhar com todos os níveis de ensino, cujos livros didáticos foram objeto de análise deste trabalho. Contudo, com a crise causada pela Pandemia de Corona Vírus (COVID 19), tendo obrigado o governo a decretar quarentena e consequentemente a suspensão das aulas, em Março de 2020.

Com a extensão da quarentena, por mais de 3 meses, e a ausência dos professores nas escolas ficou difícil aplicar os 100 questionários previstos para eles e os outros 20 destinados aos profissionais e técnicos afetos ao Ministério da Educação Nacional. A estratégia encontrada foi apelar pela lista de contato, para identificar os profissionais de sala de aula que lá constam.

Desta forma, cada professor ou professora identificado, fornecia mais contatos de colegas, da sua lista de contato, para que este possa ser contatado, pela autora da pesquisa. Assim, conseguiu se aplicar, aleatoriamente, todos os questionários previstos sem, no entanto, prever nem o nome ou número de escolas a serem auferidas e nem o género dos professores respondentes.

Geograficamente, as escolas cujos professores responderam ao questionário, estão bem dispersos, na cidade de Bissau e nos setores de Safim, Prábis e Quinhamel no arredores, o que permitiu auferir melhor a opinião de professores com diferentes anos de experiência, no ensino básico. 100% das 35 escolas, cujos professores foram inquiridos, são escolas públicas, sendo 26 delas (74.29%) do Setor Autónimo de Bissau e 9 (25.71%), da Região de Biombo.

No quadro 23 apresentamos o número total de escolas e professores inquiridos

Quadro 23

Tabela Representativa de Número de Escolas e Professores Inquiridos

Escolas auferidas*			# de Professores inquiridos		
Bissau	Biombo	Total	F	M	Total
26	9	35	74	26	100

*Lista de Escolas nos Anexos

Tendo em conta os 6 anos de escolaridades, analisados neste trabalho pode se dizer que, o número de inquiridos, por série está relativamente bem distribuído, não havendo nenhuma com menos de dez respondentes. Entretanto, alguns professores lecionam em mais de uma disciplina, o que os condicionou a dar suas opiniões, sobre mais de um ano de escolaridade, elevando assim para 110 o universo dos respondentes.

No quadro 24 apresentamos o número total de professores inquiridos, por ano de escolaridade

Quadro 24

Tabela Representativa Número de Professores Inquiridos por anos de escolaridade

Anos de escolaridade lecionadas pelos Professores inquiridos										Total
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	1º e 2º anos	1º,4º,5º e 6º anos	2º,5º e 6º anos	5º e 6º anos	
5	13	17	18	13	17	1	1	1	4	100

Dos 100 professores que responderam ao questionário, apenas 11% lecionava uma disciplina. Os restantes 89% lecionavam de duas cinco disciplinas no ensino básico, fato que, associado aos anos de experiência dos inquiridos, lhes dava bagagem suficiente para opinar sobre o objeto de estudo, aqui apresentado.

No quadro 25 apresentamos a tabela representativa de anos de experiência e número de disciplinas lecionadas pelos professores inquiridos.

Quadro 25

Tabela Representativa de Anos de Experiência e Número de disciplinas lecionadas pelos Professores inquiridos

Número de disciplinas lecionadas pelos Professores inquiridos					Total
1(uma)	2 (duas)	3 (três)	4 (quatro)	Todas	
11	17	22	16	34	100

Verifica-se que 34% dos professores, afirmaram lecionar todas as disciplinas do ano escolar em que lecionam. O que significa que são professores que lecionam, nos níveis iniciais, do primeiro ao quarto anos, onde há apenas um professor para todas as disciplinas (Português, Matemática, Ciências Integradas e Expressão).

Entretanto, 74% dos professores inquiridos, são mulheres e a maioria deles (72%) tem entre seis e quinze anos de experiência e 12% entre 15 a mais de 20 anos de experiencia, no ensino básico, o que mostra que o grupo tem conhecimento e competência para falar do nosso objeto de estudo.

Na figura 8 apresentamos o gráfico de número de professores inquiridos, por anos de experiência.



Figura 8. Número de Professores Inquiridos, por anos de Experiência

Análise das Respostas dos Professores aos Questionários

Apresentamos no quadro 26 o panorama das respostas dos professores sobre a representação de géneros nos livros didáticos do primeiro ao sexto anos do ensino básico da Guiné Bissau.

Quadro 26

Quadro de respostas dos professores sobre a representação dos géneros masculino e feminino nos livros didáticos de primeiro ao sexto ano do ensino básico

QUESTOES	5.1 Em geral homens, mulheres, meninos e meninas estão representados de forma igual?		5.2 Nas brincadeiras meninos e meninas estão representados de forma igual?		5.3 Profissionalmente, as mulheres e os homens estão representados de forma igual?		5.4 Nos trabalhos domésticos estão representados de forma igual?		5.5 Nas lidas do campo estão representados de forma igual?		5.6 Nas tomadas de decisões estão representados de forma igual?		Total
Aonos de escolaridade	#Sim	#Não	#Sim	#Não	#Sim	#Não	#Sim	#Não	#Sim	#Não	#Sim	#Não	
Primeiro	4	13	1	16	2	15	0	17	2	15	2	15	95
Segundo	2	13	2	13	0	15	0	15	1	14	1	14	90
Terceiro	3	14	2	15	2	15	0	17	0	17	1	16	102
Quarto	3	16	1	18	1	18	0	19	0	19	2	17	114
Quinto	5	14	0	19	0	19	0	19	1	18	3	16	114
Sexto	3	20	1	22	1	22	1	22	0	23	1	22	138
Total	20	90	6	103	4	104	1	109	2	106	8	100	653
Total por serie	110		109		108		110		108		108		
% por serie	18.2%	81.8%	5.5%	94.5%	3.8%	96.3%	0.9%	99.1%	1.9%	98.1%	7.4%	92.6%	

A tabela acima mostra que a maioria (81.8%) dos professores de todos os níveis aqui avaliados, do primeiro ao sexto anos, concordam que homens e mulheres não são igualitária e equitativamente apresentados e representados nos livros didáticos de leitura.

Quanto a representatividade de meninos e meninas, nas brincadeiras, 94.5% deles responderam que meninas e meninos são apresentados de maneira diferenciada.

Entretanto, 96.3% percebem que, profissionalmente, as mulheres não são apresentadas de forma igual aos homens. O que confere com as observações já feitas, na figura 9 da lista de profissões, pois mesmo quando a mulher é citada como professora, não houve imagens sobre essa passagem.

Os professores também concordam (99.1%), que as mulheres são as mais apresentadas a fazerem os trabalhos domésticos e observando as falas dos personagens, 92.6% deles percebe que a maioria das decisões são tomadas pelos personagens do sexo masculino.

No quadro 27 apresentamos o panorama das respostas dos professores, sobre as figuras animadas e representações culturais, nos livros didáticos de primeiro ao sexto ano do ensino básico da Guiné Bissau.

Quadro 27

Quadro de respostas dos professores sobre as figuras animadas e representações culturais nos livros didáticos de primeiro ao sexto ano do ensino básico

QUESTOES	6.1 Os animais estão excessivamente incluídos nas histórias?		6.2 Os personagens do folclore étnico nacional estão excessivamente incluídos nas histórias?		6.3 As histórias apresentadas representam a realidade das diferentes culturas étnicas nacionais?		6.4 Os personagens inanimados contam histórias fora do contexto cultural da Guiné-Bissau?		Total
Aonos de escolaridade	#Sim	#Não	#Sim	#Não	#Sim	#Não	#Sim	#Não	
Primeiro	6	11	5	12	15	2	7	10	47
Segundo	5	10	1	14	8	7	4	11	60
Terceiro	8	9	5	12	10	7	11	6	68
Quarto	7	12	5	14	14	5	11	8	76
Quinto	9	10	2	17	10	9	9	10	76
Sexto	3	20	4	19	12	11	13	10	92
Total	32	72	22	88	54	41	55	55	419
Total por serie	104		110		95		110		
% por serie	30.8%	69.2%	20.0%	80.0%	56.8%	43.2%	50.0%	50.0%	

Já em relação ao uso exagerado ou não das figuras animadas do folclore de histórias tradicionais guineense, a maioria dos professores acham que não é exagerado o uso de animais (69.2%), enquanto que a maioria (56.8%), concordam que as etnias do País foram bem representadas, nos livros didáticos de leitura, através de seus folclore de história oral, contudo também acham exagerado o uso deles (80%).

No entanto, quando questionados se os personagens animados contam histórias fora do contexto cultural da Guiné Bissau, as opiniões dos professores dividem-se já que 50% acha que sim e a outra metade acha que não. É compreensível essa percepção dicotômica, na opinião dos profissionais da educação, devido a serem histórias adaptadas do contexto

internacional que, no nosso entendimento, pode ter resultado nesse olhar um pouco divergente dos professores, se comparado com as respostas dadas a outras perguntas.

A história da “Menina de cuscuz” nas páginas 56 e 57 do livro de leitura do segundo ano é uma clara adaptação da famosa história do capuchinho vermelho e do lobo mau. Ainda no mesmo livro, nas páginas 70 e 71 os autores apresentam “O Glutão” um cão guloso que gostava de comer doces feitos pelo seu dono, numa confeitaria de Lisboa.

Entrevista com a Diretora Geral do Ensino Básico da Guiné Bissau

A entrevista á Diretora Geral de Ensino Básico da Guiné Bissau, ocorreu no dia 04 de Agosto de 2020, apos o primeiro contato que a autora fez por telefone a solicitar um encontro, no mês de Julho. Encontro aceite, teve um primeiro encontro, no gabinete da diretora que serviu para a apresentação dos objetivos da entrevista para um futuro trabalho de final de curso de mestrado em educação. Nessa oportunidade, as questões colocadas pela Diretora, foram respondidas no sentido de dissipar qualquer dúvida. Também entregou se a Carta-Acordo que foi assinada, de imediato pela Diretora e transmitido á Universidade.

No entanto, houve um imprevisto na data marcada para ocorrer o encontro de entrevista, motivo pelo qual a Diretora solicitou que se enviasse as questões por mais, para que possa ser respondida, em momento oportuno e não atrasar o processo final. Foi assim quem em, 04 de Agosto as questões foram respondidas e encaminhadas a autora por mail.

Segundo a Diretora, há previsão de substituição dos livros didáticos do ensino básico nacional, porque está em curso a reforma curricular e está prevista a experimentação do novo currículo o novo manual no próximo ano letivo 2020/2021, para um universo de 1.730 escolas distribuídas, geograficamente, de acordo com a figura, seguinte.

No quadro 28 apresentamos o panorama de distribuição geográfica das escolas do ensino básico da Guiné Bissau.

Quadro 28

Quadro de Distribuição geográfica das Escolas do Ensino Básico nacional

Distribuição Geográfica das Escolas do Ensino Básico na Guiné Bissau			
	##	Regiao	Numero de Escolas
	1	Bafata	293
	2	Gabu	241
	3	Tambal	131
	4	Quinara	112
	5	Ingore	127
	6	Cacheu	120
	7	Bolama	21
	8	Oio	283
	9	SAB	225
	9	Bubaque	58
	10	Biombo	119
	Total Nacional		1730

Quanto à metodologia de uso dos manuais escolares nas escolas do ensino básico, a Diretora refere que há um viés de sustentabilidade que é observada. “A política de uso dos manuais é de sustentabilidade, ou seja, faz-se a distribuição do manual do 1º ano ex: e este manual devia servir para os alunos do 1º ano no próximo ano letivo. Mas o que acontece é que, em muitos casos os alunos não conseguem cuidar dos manuais para que o mesmo possa servir para os alunos no ano seguinte e acaba por não cumprir com as orientações previstas e de salientar que como há muita demanda e com incumprimento da política da sustentabilidade acabamos por não ter o número suficiente dos manuais nas escolas”. No quadro 29 apresentamos o panorama de escolas do ensino básico nacional, por categoria de gestão.

Quadro 29

Quadro de Escolas do Ensino Básico nacional, por categoria de gestão

Categorias de Escolas do Ensino Básico da Guiné Bissau			
##	Categorias de Escolas	Nº de Escolas	%
1	Públicas	917	53.0%
2	Privadas	320	18.5%
3	Comunitárias	476	27.5%
4	Auto Gestão	9	0.5%
5	Madrassas	8	0.5%
Total Nacional		1730	100.0%

Sobre a periodicidade da distribuição dos livros didáticos e se, de fato, eles são gratuitos e chegam a todas as crianças sem exceções, a diretora afirma que a distribuição, normalmente, é feita uma vez por ano e que, em princípio, chega a todas as crianças, mas reconhece que há casos em que alguns diretores de escolas escondem os livros, alegando que as crianças os estragam e que desta maneira, alguns alunos acabam por ficar livros.

A diretora, também mostrou, algumas dificuldades encontradas, pela sua Direção, em termos de distribuição e uso dos Manuais, nas escolas, sobretudo, a nível logístico e de falta de pessoal pois “ porque, segundo ela “normalmente as necessidades, em termos dos manuais, são enviadas para DGE a nível das onze (11) regiões educativas, é com base na lista de necessidade de cada região que procedemos com a distribuição. Temos Staff suficientes porque trabalhamos com as estruturas regionais”.

Embora o controle do uso efetivo, dos manuais, não está a cargo de sua direção, a Diretora garantiu que isso se faz diariamente com o pessoal afeto ao MENES, colocados em dirigentes regiões do País pois, em todas as escolas temos os Diretores e os inspetores escolares para apoiar no cumprimento dos programas e conteúdos programados, por isso não

há muita disparidades em termos do uso dos manuais escolares, até porque o manual está bem organizado e não tem muitas lacunas na sua implementação.

Conclusão

Constatar o modo como a mulher é apresentada nos livros didáticos ao longo dos primeiros anos de escolaridade na Guiné Bissau, demandou uma análise minuciosa e criteriosa de vários aspetos que concorrem, para que se chegue a uma conclusão plausível. Os manuais nacionais são elaborados e produzidos pelo Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (INDE) e distribuídos para todas as escolas do ensino básico, pelo Ministério da Educação, através da Direção Geral do Ensino Básico. Os livros didáticos atualmente em uso na Guiné-Bissau foram adotados há mais de 20 anos e seu uso pretende ser padronizado em todas as escolas de ensino básico unificado, fato esse que não constitui foco deste trabalho.

Contudo, para este trabalho foram usados os manuais cuja impressão foi de 2016. De referir que há previsão de uso do novo manual, a partir de 2021, ao qual não tivemos acesso, já que ainda está em fase de impressão. Entretanto, usar os novos manuais para uma análise desta natureza, não seria de grande impacto, pelo seu desconhecimento por parte dos professores alvo deste trabalho e da sociedade em geral.

Ao longo das leituras e das análises feitas, observou-se nos livros didáticos do ensino básico, primeiro e segundo ciclos, da Guiné-Bissau vários tipos de textos, expressões verbais e visuais que foram agrupadas em várias categorias de análise, como foi mostrado ao longo deste trabalho. A maioria deles traz ideias, percepções e concepções sociais pré estabelecidas do senso da sociedade em geral e ou já resgatadas, através dos contos orais tradicionais de um ou noutro contexto étnico social, das diferentes culturas nacionais.

Ao invés de se ver projetadas nos livros didáticos novas formas de relações sociais, ou seja, aquelas desejadas em que homens, mulheres, meninos e meninas interagem e trabalham

de igual modo para alcançar o desenvolvimento social desejável vimos histórias que reproduzem os preconceitos e as tradições culturais, que contribuem para perpetuar as desigualdades entre homens e mulheres, meninos e meninas na sociedade guineense.

Ao recriar histórias tradicionais, os livros didáticos nacionais acabam por transportar também os preconceitos, os estereótipos e as verdades do senso comum para toda uma geração de meninos e meninas que passam pelo sistema nacional de ensino público. O entendimento que os professores e nós também temos sobre as imagens que ilustram os manuais, é de que estas reproduzem os estereótipos associados aos papéis sociais de género.

Desta maneira, o grande papel delegado aos livros didáticos de contribuir para a uma visão dos objetivos comuns, dá lugar a ferramentas que salientam costumes, atitudes, visões e práticas que não contribuem para melhorar a visão geral da sociedade guineense, sobre a igualdade e equidade de género.

Portanto, pode-se afirmar que os livros didáticos do primeiro ao sexto ano, dos primeiro e segundo ciclo do ensino primário, não contribuem de forma eficaz para melhorar o quadro geral do universo feminino e da igualdade de género na Guiné Bissau. Sendo assim, concluímos que:

1. Os livros didáticos analisados não seguem um padrão estruturado em termos de categorias de textos, nem adotam as mesmas ideologias. Ao contrário, apresentam os temas de estudo de forma variada e diversificada, com predominância de discursos conservadoristas de uma sociedade patriarcal, machista e sexista.
2. Apesar de apresentarem alguns elementos e visões globais sobre o mundo e a evolução do homem, os livros didáticos nacionais conservam, na sua maioria, histórias e expressões de hábitos culturais das diferentes etnias guineenses. Um

aspecto positivo, mas que deve ser moderado, tendo em conta que as relações sociais igualitárias de género, não são um aspecto forte das tradições nacionais.

3. A sequência de temas propostos para o aprendizado, foi percebida apenas na passagem do segundo para o terceiro ano e não se consegue depurar uma evolução gradual dos temas, embora os assuntos abordados no interior de cada nível escolar, em geral, sejam compatíveis com a idade letiva.
4. Em geral, as abordagens verbal, textual e visual apresentadas nas histórias, não tendem a buscar um olhar diferente sobre as relações sociais de género e a divisão social e tradicional de trabalho.
5. As interpretações dadas aos conceitos, culturalmente aceites, reforçam a distâncias e preconceitos socioculturais, em salas de aula e, consequentemente no pensamento coletivo, através de retro informação que confirmariam as crenças étnico-culturais, por meio dos livros didáticos, ou seja, por meio da educação formal.

No meu entendimento, esta palavra quando dita, carrega consigo alguns elementos de entendimento comum da sociedade, que transmite não apenas ideias e valores comuns mas também expectativas, em relação a um ou outro género. Quando se diz menina, por exemplo, não se identifica apenas uma pessoa do sexo feminino, mas também um indivíduo cuja condição feminina o predispõe a assumir, cedo ou tarde, papéis tradicionais reservadas a meninas e mulheres no futuro.

Portanto, não se pode negar que ao longo da história, houve e ainda há direitos negados a um ou outro género, como “os homens não choram”, “mulher tem que ser mãe”, etc. É nesta perspetiva que pensamos na educação, na sociedade guineense como um dos direitos para os quais as mulheres ainda têm dificuldade de acesso, apesar de todas as ferramentas legais e

jurídicas, como a própria constituição lhes dá direito, apesar de que, culturalmente, ainda há barreiras que concorrem para que as pessoas do género feminino não usufruem desse direito.

Daí a preocupação com os conteúdos dos livros didáticos, quando estes não refletem pensamentos e ações em que ambos os géneros se vem e se sentem representados já que eles, como ferramenta unificador de um povo precisam, necessariamente, refletir um conjunto de ideias, sejam elas buscadas em *elementos tradicionais positivos* ou em outras culturas, para que se tornem ferramentas eficazes do pensamento comum e de empoderamento feminino.

Entende-se aqui por, *elementos tradicionais positivos*, todos os hábitos, tradições, pensamentos e ações, sejam elas de carácter individual ou coletivo, que concorrem para difusão e padronização das ideias que valorizam a vivência comuns de qualquer grupo humano, sendo muito mais importante em caso de Países, como a Guiné Bissau, cujas vantagens da diversidade étnico e cultural precisam ser moldadas, através de uma educação formal, que inclua meninas, meninos, mulheres e homens, para melhor alcançar os objetivos do desenvolvimento nacional sustentável.

A produção dos Manuais Escolares deve seguir um padrão, organizado de ideias, baseado no interesse nacional comum e orientado pelos objetivos globais vigentes, já que, tendo em conta o nível atual de globalização das políticas, não se pode dissociar os objetivos e ações locais aos inseridos em plataformas de proporções globais, essencialmente organizadas com objetivo de impulsionar o desenvolvimento, em todos os continentes.

Assim como os outros aspetos de análise, a igualdade de género também é um dos objetivos mais importantes, quando se trata dos instrumentos de desenvolvimento, na medida em que ela pode contribuir para melhorar a performance interna dos Países, de várias formas, com mostra as diretrizes do Banco Mundial, em 2012.

Primeiro removendo barreira que impedem as mulheres de ter o mesmo acesso que os homens têm a educação, oportunidades econômicas e insumos produtivos podem gerar enormes ganhos de produtividade (...). Segundo, melhorar a condição absoluta e relativa das mulheres introduz muitos resultados de desenvolvimento, inclusive para seus filhos. Terceiro, o nivelamento das condições de competitividade - onde mulheres e homens têm chances iguais para se tornar socialmente e politicamente ativos, tomar decisões e formular políticas - provavelmente gerará no decorrer do tempo instituições e escolhas de políticas mais representativas e mais inclusivas, levando assim a um melhor caminho de desenvolvimento (Banco Mundial, 2012, p. 3).

Mudar o paradigma é um passo fundamental para se alcançar uma sociedade igualitária onde as disparidades entre os gêneros, passarão a ser apenas lembrada em textos de histórias, agora lida e discutida por ambos os sexos. Percebida desta maneira, significa também que os papéis associados à identidade de gênero e, sobretudo, a forma como as mulheres e as meninas são representadas nos manuais escolares analisados neste trabalho, deve ser revista, mediante as novas demandas e abordagens positivas de gênero e postos à disposição das nossas crianças e da sociedade em geral para que se comece a testemunhar as mudanças, por menor que seja, no sentido de convergência de ideias, em busca de uma sociedade mais igualitária e próspera.

De igual modo, não há melhor maneira, para um País multiétnico e cultural, buscar esta igualdade e a convergência de ideias do que através dos livros didáticos do ensino básico, cuja função principal é contribuir para melhorar a vivência social dos membros da mesma comunidade, o que implica, não apenas formalizar e uniformizar, aspetos da vida cotidiana,

mas também servir de veículo de conhecimento acumulado e de ferramenta, potente, para eliminação de qualquer hábito e preconceito que não contribuem para o desenvolvimento socioeconómico e cultural de um País.

Propor a análise de igualdade e equidade de géneros na Guiné Bissau, a partir dos livros didáticos evidenciou, no entanto, que ainda há muitos aspetos sociais, económicos, políticos, culturais, etc. a serem ultrapassados, para que seja alcançado, para que se tenha uma base para a desejada paridade. Portanto, os livros didáticos devem ir além da reprodução e transcrição da realidade étnico cultural vigente, para colocar em evidência novas abordagens que incentivem as mudanças de comportamentos em relação à igualdade de género pois, tão importante quanto a educação para todos, é a igualdade e equidade de género.

Devem ser concebidas de maneira a tornar visível aspetos da vivência social e *elementos tradicionais positivos* a exemplo da igualdade de género, que requerem debates em fóruns variados e alargados, para incutir esses conceitos nas crianças, desde os primeiros anos de escolaridade.

Quando num País, as mulheres recebem tratamento diferente dos homens, apesar das Leis existentes, não podemos falar ainda em igualdade e equidade de géneros e nem em desenvolvimento sustentável pois, o primeiro certamente é o catalisador do segundo. Contudo, o que se vê é um cenário onde a maioria das mulheres trabalham no cultivo de hortaliças e vendas de produtos de primeira necessidade.

As condições precárias de saúde, não contribuem para diminuir a alta taxa de mortalidade materno-infantil, sobretudo nas zonas rurais, onde ainda inexitem estruturas e estratégias para fazer chegar as políticas públicas favoráveis, as mulheres. Quando elas sobrevivem a precariedade das condições de parto, ainda padecem com os filhos que correm grandes riscos de entrar para as estatísticas da mortalidade infantil, que é de 51 por cada mil nascidos vivos, ou seja, cinco em cada 100 crianças morrem antes dos 5 anos.

Sem as oportunidades, que só a educação lhes poderia proporcionar, a maioria das mulheres trabalham no setor informal, para sustentar suas famílias, através de comércio ambulante porta a porta de peixe, carvão e frutas, como atividades geradoras de rendimento familiar. Sabe-se que a venda de peixe, por exemplo, constitui uma das atividades geradoras de rendimentos mais rentável, praticada, pelas mulheres, mas que também envolve um grande risco para elas, devido às exigências que esta atividade tem de se estar ao porto, nas primeiras horas do dia, para receber os peixes dos pescadores e correm o risco de serem assaltadas e agredidas, todos os dias.

Nas áreas rurais são facilmente encontradas nos Lumos (mercados semanais rotativos), onde circulam sempre acompanhadas de seus bambarans, ordidjas, os taparueis de sandes e as bandejas de água. Ao regressarem a casa, continuam às voltas com as tarefas domésticas que não lhes deixam afastar dos objetos de uso doméstico que lhes são familiares, tais como os baldes de água à cabeça, as redes tradicionais de pesca, os fogões a lenha, as vassouras, as enxadas, as bandejas de frutas e mancarra, as tábuas de lavar roupa e outros utensílios.

Mudar este cenário requer a participação de todos, com políticas públicas diretas e mais focadas nos grupos mais vulneráveis, para que as estratégias nacionais possam ser efetivadas, em benefício dos que realmente precisam. Há, contudo, um peso muito grande sobre o papel que a educação em geral e dos livros didáticos em particular têm para alteração do *status quo*, através do uso de ferramentas pedagógicas pertinentes, com abordagens transversais e simples desta questão, para que meninos e meninas possam aprender a respeitar e a tratar seus semelhantes do género oposto, de forma respeitosa e igualitária. Entretanto, até aqui ainda não é perceptível o desempenho e a contribuição, tanto da educação quanto deste ferramenta socioideológica, para as mudanças sociais necessárias para uma sociedade mais igualitária, em termos de género.

Referências Bibliográficas

- Araújo, M. F. (1999). Casamento e sexualidade. A revisão dos mitos na perspectiva de gênero. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade de São Paulo.
- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Revista Psicologia Clinica. Rio de Janeiro*, 17(2), 41 – 52.
- Banco Mundial. (2012). Relatório sobre o desenvolvimento mundial: igualdade de gênero e desenvolvimento, Acessível em: <https://nacoesunidas.org/>.
- Bastos, M. C. C. S. (2015). Relações de gênero em livros didáticos de Língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Acessível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8479>
- Cabral, A. (1974). *PAIGC. Unidade e luta*. Lisboa: Nova Aurora.
- Cabral, A. (2014). Pensar para melhor agir - intervenções no Seminário de Quadros, 1969. Praia: Fundação Amílcar Cabral.
- Carloto, C. M. (2002). Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino. *Serviço Social em Revista*, 4(2). Disponível em: <https://www.monografias.com/pt/docs/G%C3%AAnero-reestrutura%C3%A7%C3%A3o-produtiva-e-trabalho-F3UCCZUXH5>
- Coutinho, Â. S. B. (2020). Militantes invisíveis: as cabo-verdianas e o movimento independentista (1956-1974). *Revista Estudos Feministas*, 28(1). Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Durkheim, É. (1999). A divisão do trabalho social. São Paulo: Ed. Abril Cultural. Acessível em: edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/203937/mod_resource/content/

DW África. (2014). Entrevista com Carmem Pereira e a guerra das mulheres na Guiné-

Bissau. Estado Reforma e Desenvolvimento – Acessível em: <https://p.dw.com/p/1C5yE>

Gomes, P. G. (2013). A mulher guineense sujeito e objeto do debate histórico

contemporâneo. O contributo de Amílcar Cabral. Fórum Científico Amílcar Cabral, realizado na cidade da Praia. Acessível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das-mulheres-guineenses>

Kergoat, D. (2003). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In M. Teixeira, E. Marli, M. Nobre, M. G. Tatau. (Orgs.). Desafios para as políticas públicas: trabalho e cidadania para as mulheres (pp. 55-64). São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher.

MICS - Inquérito aos Indicadores Múltiplos Guiné Bissau- Monitorização da Situação da Criança e da Mulher. 2018/19.

Monteiro, N. A. (2017). *Mulheres guineenses na luta de libertação nacional: Contribuições na educação e formação de quadros 1962-1974*. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Moura, N. C. (2007). Relações de género em livros didáticos de língua portuguesa: permanências e mudanças. Tese de Doutorado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Pereira, A. G. (2012). Divisão sexual do trabalho: Limitação à igualdade de género e ao desenvolvimento. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Acessível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/download/375/211#:~:text=O%20papel%20da%20mulher%20como,tomada%20de%20decis%C3%B5es%20em%20casa>.

- Pereira, A. L. (2009) Representações de género em livros didáticos de língua estrangeira e discursos gendrados em sala de aula. Anápolis: III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino (pp. 1-10).
- PNIEG – (2011). Política nacional para a promoção a igualdade e equidade de género 2012-2015.
- Saffiotti, H. I. B. (1992). Rearticulando género e classe social. Em A. O. Costa & C. Bruschini (Orgs.). *Uma questão de género* (pp. 183-2154). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Sane, S. (2018). Os desafios da educação na Guiné-Bissau. *Revista Temas em Educação*, 27(1), 55-77. João Pessoa, Brasil, Acessível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/39717>
- Scott, J. W. (1988). Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 11-27. Acessível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/>
- Scott, J.W. (1995). Género: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. Acessível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article>
- Sen, A. (1993). O desenvolvimento como expansão de capacidades. São Paulo: *Revista Lua Nova*, no. 28-29. Acessível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100016
- Sen, A. (1999). *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.

Referências Legislativas

Carta de Política Educativa (2017)

Lei de Base do Sistema Educativo (2011)

Lei de Quotas (2018)

Lei de Práticas Tradicionais Nefastas (2011)

Política Nacional para a Igualdade e Equidade de Géneros (2011-2015)

Política Nacional para a Igualdade e Equidade de Géneros (2017)

Plano Setorial de Educação (2017-2025)

ANEXOS

ANEXO I - Lista das Escolas e Professores Inquiridos

##	Região	Setor/Bairro	Nome da Escola	## Professores Inquiridos
1	Biombo	Safim/Bissaquel	Bengala Branca	4
2	SAB	Chão de Papel	EBU Amizade G.B Suécia	4
3	SAB	Cuntum Madina	EBU de Sede	4
4	SAB	Cuntum Madina	EB de Cuntum Madina	2
5	SAB	Cuntum Madina	EBU Zona das Irmãs	2
6	SAB	Bairro Militar	EBU 8 de Marco	3
7	SAB	Cuntum	Escola 23 Cuntum/Sobrade	3
8	SAB	Quelelé	EBU de Quelelé	4
9	SAB	Bairro Militar	EBU Plak I	4
10	Biombo	Prábis / Bôr	EBU de ADPP	9
11	Biombo	Quinhamel	EB de N'tingle	3

12	SAB	São Vicente Paulo	EBU 3 Congresso	3
13	Biombo	Prábis /Cupul	EBU de Cupul	3
14	SAB	Háfia	EBU de Háfia	5
15	SAB	Bairro Militar	EBU de Plak II	6
16	SAB	Bairro de Brá	EBU de Brá	4
17	Biombo	Safim/Bissalanca	EBU de Bissalanca	3
18	Biombo	Quinhamel	EBU de Ponta Rocha	3
19	Biombo	Safim	EBU de Djaal	3
20	SAB	Bairro de Ajuda	EBU Revolução de Outubro	3
21	SAB	Bairro de Ajuda	EBU São Francisco D`juda	2
22	SAB	Bairro de Luanda	EBU Gudofredo	2
23	SAB	Chão de Papel	EBU Patrice Lumbumba	2
24	SAB	Bissau Velho	EBU 19 de Setembro	2
25	SAB	Bairro de Missira	EBU Congresso de Cassaca	3
26	SAB	Bairro de Bandim	EBU Simão Bolivar	2

27	SAB	Bissau Velho	EBU Combatente Desconhecido	2
28	SAB	Bairro de Alto Bandim	EBU de Alto Bandim	2
29	Biombo	Prábis /Cumura	EBU de Cumura	2
30	Biombo	Safim	EBU de Safim	1
31	SAB	Aeroporto	EBU 23 de Janeiro (Base Aérea)	1
32	SAB	Bairro de S. Paulo	EBU de São Paulo	1
33	SAB	Bairro de Ajuda	EBU Justado Vieira	1
34	SAB	Bairro de Pefine	EBU Ernesto Che Guevara	1
35	SAB	Bairro de Tchada	EBU Eduardo Vieira	1
TOTAL de Professores Inquiridos				100

ANEXO II – Questionário aos professores

PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MESTRADO EM

EDUCAÇÃO - Supervisão e Orientação da Prática Profissional

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DO PRIMEIRO AO SEXTO ANO DO

ENSINO BÁSICO

DE BISSAU

1. Sexo: (____) / (____) a) Feminino / b) Masculino

2. A quantos anos leciona? (_____)

3. Em que ano (s) você leciona? Favor escolher quantas forem necessárias.

a) Primeiro (____)

b) Segundo (____)

c) Terceiro (____)

d) Quarto (____)

e) Quinto (____)

f) Sexto (____)

4. Que disciplinas leciona?

a) _____ b) _____ c) _____ d)

d) _____

5. Dê a sua opinião sobre a representação dos gêneros (masculino e feminino) nos livros de leitura dos anos que você leciona? *(Por favor responda, **APENAS**, sobre as classes que leciona).*

5.1 Em geral homens, mulheres, meninos e meninas estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
5.2 Nas brincadeiras meninos e meninas estão representados de forma igual?			
Anos/ série s	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			

Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
5.3 Profissionalmente , as mulheres e os homens estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
5.4 Nos trabalhos domésticos estão representados de forma igual?			

Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
5.5 Nas lidas do campo estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			

Sexto ano			
5.6 Nas tomadas de decisões estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			

6. Dê a sua opinião sobre as figuras animadas e de representações culturais incluídas no livros de leitura dos anos que você leciona?

6.1 Os animais estão excessivamente incluídos nas histórias?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			

Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
6.2 Os personagens do folclore étnico nacional estão excessivamente incluídos nas histórias?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			

Sexto ano			
6.3 As histórias apresentadas representam a realidade das diferentes culturas étnicas nacionais?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
6.4 As personagens inanimados contam histórias fora do contexto cultural da Guiné-Bissau?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			

Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			

ANEXO III – Questionário aos Técnicos e Profissionais do MEN

PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MESTRADO EM
EDUCAÇÃO - Supervisão e Orientação da Prática Profissional

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFISSIONAIS LIGADOS A PRODUCAO E
DISTRIBUICAO DOS MANUAIS ESCOLARES

1. Sexo: (____) / (____) a) Feminino / b) Masculino

2. Em que aspeto trabalha com o Manual Escolar na Guiné Bissau?

a) Produção de Manuais (____) b) Distribuição de Manuais (____)

3. A quantos anos trabalha com produção ou distribuição dos Manuais Escolares?
(____)

4. Já participou na elaboração ou distribuição, de algum livro diádico, durante esse tempo?

Sim (____) Não (____)

5. Se sim, de qual ano de escolaridade você participou? Favor escolher quantas forem necessários.

g) Primeiro (____); b) Segundo (____); c) Terceiro (____); d) Quarto (____);

e) Quinto (____); f) Sexto (____) .

6. Caso trabalhe com a elaboração do Manuais, em que é que se baseiam para criar as histórias que fazem parte dos livros didáticos?

7. Quais são as vossas preocupações?

8. O que se cria primeiro? Por favor enumera, abaixo, por ordem.

a) Personagens e seus nomes? (____)

b) O conteúdo da história em si? (____)

c) A idade das crianças que vão ler as histórias? (____)

d) A cultura étnica, a que a história se refere? (____)

9. Vocês se baseiam em Manuais escolares de outros Países para elaborar os da Guiné Bissau?

a) Sim (____)

b) Não (____)

10. Se sim, qual País(es)? _____.

11. Dê a sua opinião sobre a representação dos gêneros (masculino e feminino) nos livros de leitura do primeiro ao sexto ano?

11.1 Em geral homens, mulheres, meninos e meninas estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
11.2 Nas brincadeiras meninos e meninas estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			

Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
11.3 Profissionalmente, as mulheres e os homens estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
11.4 Nos trabalhos domésticos estão representados de forma igual?			

Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
11.5 Nas lidas do campo estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			

Sexto ano			
11.6 Nas tomadas de decisões estão representados de forma igual?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			

12. Dê a sua opinião sobre as figuras animadas e de representações culturais incluídas nos livros de leitura do primeiro ao sexto ano?

12.1 Os animais estão excessivamente incluídos nas histórias?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			

Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
12.2 Os personagens do folclore étnico nacional estão excessivamente incluídos nas histórias?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			

12.3 As histórias apresentadas representam a realidade das diferentes culturas étnicas nacionais?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			
Quinto ano			
Sexto ano			
12.4 Os personagens inanimados contam histórias fora do contexto cultural da Guiné-Bissau?			
Anos/ séries	Sim	Não	Observações
Primeiro ano			
Segundo ano			
Terceiro ano			
Quarto ano			

Quinto ano			
Sexto ano			

ANEXO IV - Guião de Entrevista Diretora do Ensino Básico da Guiné Bissau

☐ Há uma previsão de substituição destes livros? Se tiver, para quando?

R: Sim, porque esta em curso a reforma curricular e esta prevista a experimentação do novo currículo o novo manual no próximo ano lectivo 2020/2021.

☐ Quantas escolas do ensino básico temos no País? De primeiro ciclo? De Segundo ciclo?

R: 1.730 escolas.

☐ Quantas escolas do ensino básico temos em cada região?

R: Bafata: 293, Gabu: 241, Tambali: 131, Quinara: 112, Ingore: 127, Cacheu: 120, Biombo: 119, Bolama: 21, Bubaque: 58, Oio: 283 e SAB: 225.

☐ Quantas são Públicas, Privadas, Comunitárias, Autogestão?

R: Públicas: 917, Comunitárias: 476, Privadas: 320, Auto-gestao: 9 e madrassa: 8.

☐ Qual é a periodicidade, com que a DGE faz a distribuição de livros?

R: Uma vez por ano.

☐ Sei que, normalmente, os livros didáticos são gratuitos. Realmente chega a todas as crianças, sem exceção?

R: Em princípio sim, mas tem casos em que alguns directores das escolas escondem os livros e os alunos acabam por ficar sem livros, alegando que as crianças estragam os livros.

☐ Quais as dificuldades encontradas, pela sua Direção, em termos de distribuição e uso dos Manuais, nas escolas? (tem staff suficiente, staff qualificado, etc)

R: Em relação a distribuição dos manuais não há tantos problemas. Porque normalmente as necessidades em termos dos manuais são enviadas para DGE a nível das onze (11) regiões educativas, é com base na lista de necessidade de cada regio que

procedemos com a distribuição. Temos o Staff suficientes porque trabalhamos com as estruturas regionais.

☐ Agora em relação ao uso dos manuais sim. Qual e a metodologia usada para a distribuição, no SAB e nas regiões.

R: A metodologia utilizada para o uso dos manuais são seguintes: a política de uso dos manuais é da sustentabilidade, ou seja, faz-se a distribuição do manual do 1º ano ex: e este manual devia servir para os alunos do 1º ano no próximo ano letivo. Mas o que acontece é que, em muitos casos os alunos não conseguem cuidar dos manuais para que o mesmo possa servir para os alunos no ano seguinte e acaba por não cumprir com as orientações previstas e de salientar que como há muita demanda e com incumprimento da política da sustentabilidade acabamos por não ter o número suficiente dos manuais nas escolas.

☐ Como se faz o controle do uso dos Manuais? Ou seja, se todas as escolas, estão a usa los, como deve ser?

R: Em todas as escolas temos os Diretores e os inspetores escolares para apoiar no cumprimento dos programas e conteúdos programados, por isso não há muita disparidades em termos do uso dos manuais escolares, até porque o manual esta bem organizado e não tem muitas lacunas na sua implementação